

Este livro foi produzido pelo grupo de pesquisa Chão Coletivo, vinculado à plataforma “Nas ruas: territorialidades, memórias e experiências”, da Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ele é um dos resultados do projeto “Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá”, selecionado e subsidiado pelo CAU/SP (Termo de Fomento no 0001/2022) de maio a outubro de 2022. Por meio de depoimentos, mapas, desenhos e fotografias, este livro reúne algumas perspectivas sobre o modo de vida, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya no território do Jaraguá.

Este livro reúne aprendizagens de lideranças Guarani Mbya e habitantes das aldeias Pyau e Yvy Porã, a partir do compartilhamento dos saberes técnicos e construtivos dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá, os quais mantêm e reinventam suas práticas espaciais e tradições culturais como forma de resistência em um território invadido pela metrópole.

editora
escola
da cidade



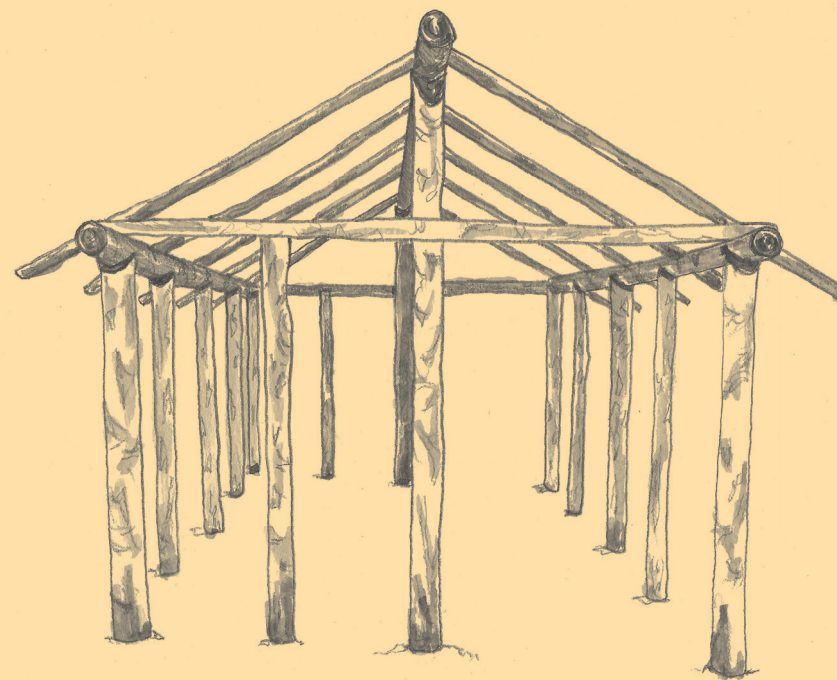
9786586368284



Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá



Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá



Chão Coletivo

“Quando os povos Guarani perderam a liberdade de caminhar sob as estrelas, guiados pelas constelações, e passaram a viver confinados entre as cercas das propriedades privadas, as aldeias se fixaram”, explica o *Xeramōi* Nelson.

Estes e outros pensamentos, ouvidos nas entrevistas das lideranças indígenas Guarani Mbya, constituem o arcabouço deste livro.

Os (res)significados do território e dos *tekoas*, com ênfase nas cosmovisões, lutas e práticas, são matérias da primeira parte, enquanto a segunda transita pelos saberes, materiais e técnicas construtivas “tradicionais” e contemporâneas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá.

Trazendo reflexões fundamentais em tempos de mudanças climáticas, as conversas e aprendizados presentes neste livro iluminam alguns possíveis caminhos futuros, partindo da perspectiva da arquitetura e de práticas espaciais e construtivas.

Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá

Chão Coletivo

e
|
e
c

Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá

Chão Coletivo

editora

**escola
da cidade**



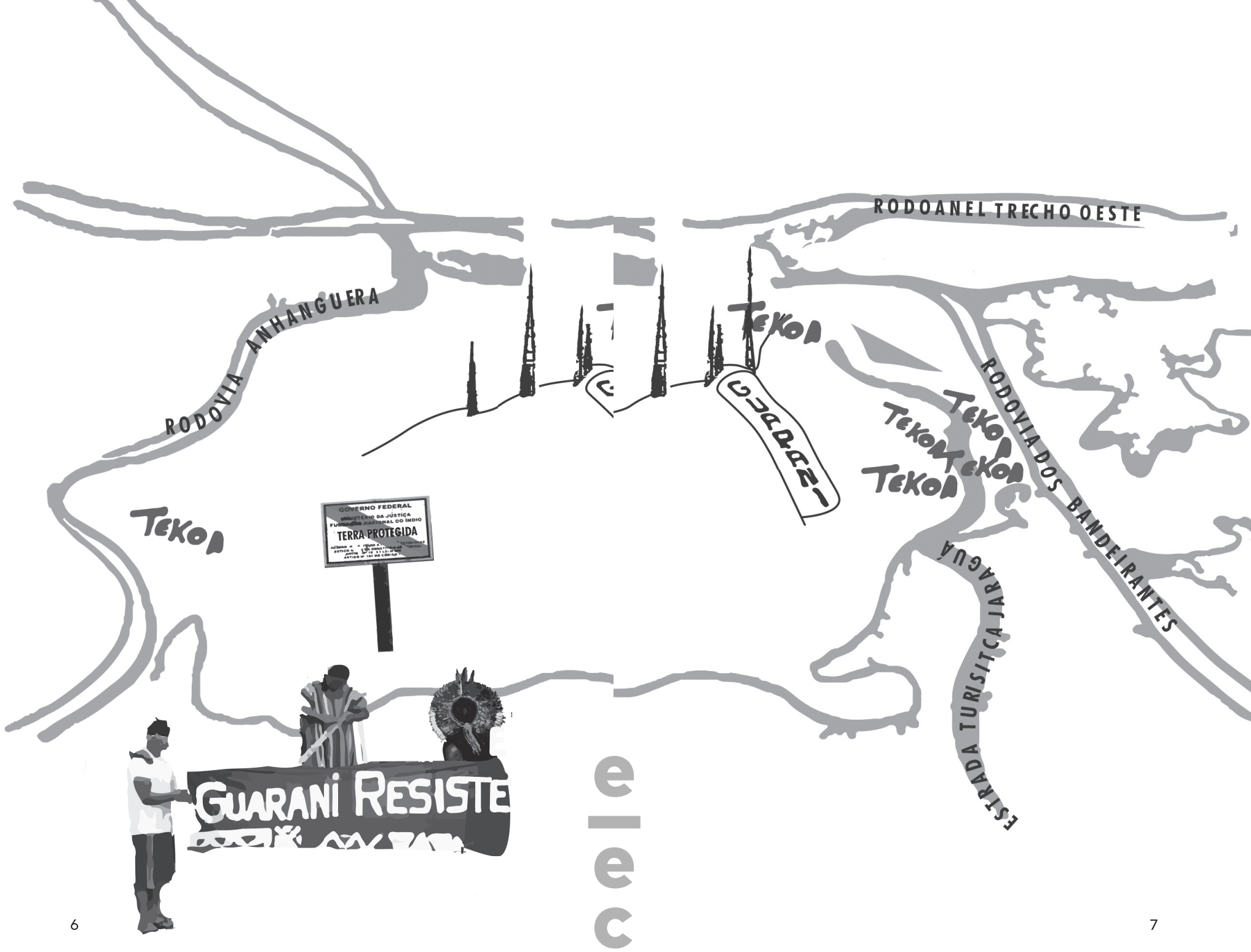
Parceria de Fomento:



e
|
e
c

8	Prefácio	54	5. Com os olhos no chão e no céu: o tempo para construir a <i>opy</i> e aspectos sagrados das construções
	Catherine Otondo Presidente CAU/SP		
11	Introdução	62	6. Aspectos arquitetônicos e variações tipológicas das moradias
14	I- OS TEKOAS NA TERRA INDÍGENA JARAGUÁ	68	7. Aspectos materiais
15	1. Caminhos Guarani Mbya	78	III- ENTREVISTAS
30	2. A formação das aldeias	79	Território e Cosmologia <i>Xeramõi</i> Nelson
35	3. A demarcação do território	87	Construção e Cosmologia Karai
39	4. O impacto <i>juruá</i> no território indígena do Jaraguá	100	Construção Karai Jekupe
48	Somos <i>Ka'aguy puru ey</i> . Estamos em perigo	110	Território e impactos <i>juruá</i> Thiago Henrique Karai Djekupe
50	II- MODOS DE CONSTRUIR: TÉCNICAS, MATERIAIS E PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS	124	Considerações finais





RODOVIA ANHANGUERA

RODOANEL TRECHO OESTE

Tekoa

GOVERNO FEDERAL
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO
TERRA PROTEGIDA

Tekoa

WARRR-

Tekoa
Tekoa
Tekoa

RODOVIA DOS BANDEIRANTES

ESTRADA TURISTICA JARAGUA

GUARANI RESISTE

cele

Prefácio

Catherine Otondo
Presidente - CAU/SP

É com grande satisfação que o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo - CAU/SP, apresenta o resultado do projeto *Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá*, desenvolvido pela Associação Escola da Cidade – Arquitetura e Urbanismo no âmbito do Termo de Fomento nº 001/2022 do CAU/SP que, por meio de Edital de Chamamento Público, celebrou parcerias para a execução de projetos.

Qualquer semelhança com *Enterrem Meu Coração na Curva do Rio*, do autor americano Dee Brown, não será mera coincidência. Claro que estamos falando de Américas diferentes, mas Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya da Terra Indígena Jaraguá, por mais que pareça distante, impacta tanto quanto o *best-seller* que revelou a dramática história dos índios norte-americanos.

Enquanto os *juruaí* (não indígena) exploram a terra como mercadoria, propriedade privada, que deve ser cercada para acumular riquezas, os Guarani compreendem a terra como “o próprio cosmos, vida e morte, corpo e espírito, peixes e estrelas se encerram nela”. Isto fica claro na fala do ativista guarani Thiago Henrique Karai Djekupe: “Porque a gente tem dois caminhos. Todo guarani enxergou dois caminhos para conviver com o modo de vida ocidental. Um é dialogar. Esse é o nosso principal caminho. [...] E o outro caminho é a resistência, é saber que, se quiserem nos tirar do nosso território e a gente não tem mais pra onde se esconder, pra onde correr, temos de resistir”.

Ao refazerem seus caminhos, iluminados por Nhanderu (o deus verdadeiro), os Guarani Mbya reforçam os vínculos de

solidariedade e parentesco com uma rede de aldeias, transmitem conhecimentos e revivificam a memória dos antepassados que ocuparam os territórios sul-americanos.

Nós, do Conselho de Arquitetura e Urbanismo - CAU/SP, entendemos que esta ação de fomento – com o trabalho apresentado a seguir – se consolida como prática para a construção de caminhos capazes de ampliar o campo de ação do Conselho e valorizar o lugar do profissional na proposição de um habitar comum e generoso.

Nesse contexto, seguimos acreditando que o papel do Conselho deva ser estendido para um campo ampliado de ações, tais como do fomento e da difusão de saberes, práticas e conhecimentos relacionados à Arquitetura e Urbanismo, com ênfase nas dimensões pública e social, valorizando a diversidade da profissão e dos profissionais arquitetos urbanistas, assim como disseminando importantes conteúdos e reflexões junto à sociedade.

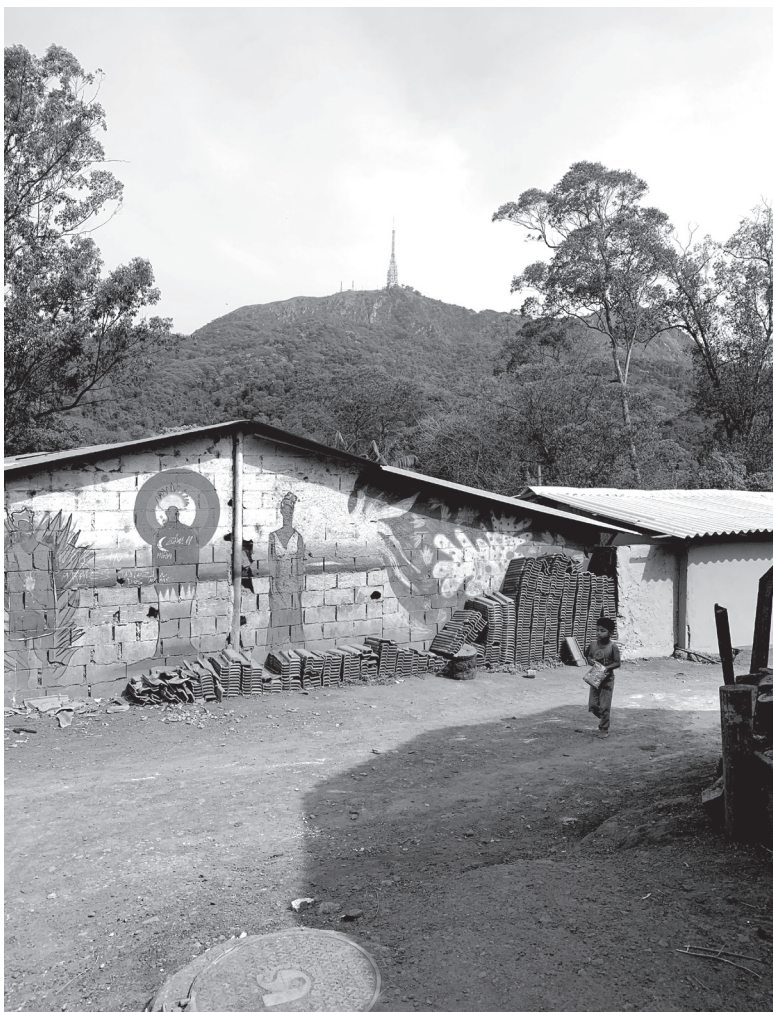


Fig. 1. Aldeia Pyau, 2022.

Introdução

Este livro foi produzido pelo grupo de pesquisa Chão Coletivo, vinculado à plataforma “Nas ruas: territorialidades, memórias e experiências”, da Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ele é um dos resultados do projeto “Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá”, selecionado e subsidiado pelo CAU/SP (Termo de Fomento nº 0001/2022), de maio a outubro de 2022. Por meio de depoimentos, mapas, desenhos e fotografias, este livro reúne algumas perspectivas sobre o modo de vida, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya no território do Jaraguá.

Trata-se aqui de reconhecer e valorizar a diversidade de expressões arquitetônicas, técnicas e formas construtivas dos Guarani Mbya, especialmente nas aldeias Pyau e Yvy Porã, onde as entrevistas com construtores e mestres do saber foram realizadas.

O livro divide-se em três partes complementares que se estruturam a partir de quatro entrevistas realizadas nos *Tekoas* Pyau e Yvy Porã. A primeira parte, “Os *Tekoas* na Terra Indígena Jaraguá”, discute questões relacionadas ao território dos Guarani Mbya, próximo à cidade de São Paulo e à perspectiva de futuro por meio das cosmovisões, lutas e práticas de cuidado. Já a segunda parte, “Modos de construir: técnicas, materiais e práticas contemporâneas”, aborda os saberes, materiais e técnicas construtivas “tradicionais” e contemporâneas dos Guarani no Jaraguá. A terceira e última parte disponibiliza as entrevistas com nossos interlocutores na íntegra.

Chegamos até aqui com o apoio e a contribuição generosa de moradoras, moradores e lideranças da Terra Indígena Jaraguá, que possibilitaram conversas, trocas de saberes, percepções e aproximações enriquecedoras. Nossos agradecimentos

para todos os moradores do território guarani do Jaraguá e em especial a todos que estiveram perto do projeto desde o início: Sérgio, Jandira, Márcio, Lúcia, Thiago, Anthony, Frank, Karai Jekupe, Michael, Jaciara, Gilson, *Xeramõi* Karai, *Xeramõi* Nelson, Jacimara, Richard, Sonia, David, Nelson, Valéria, Leonice, Ângela, Tereza, Alicia, Rosalina, Natalina, Viviane, Patricia, Peru e toda a comunidade da aldeia Tekoa Pyau que construiu junto com a gente caminhos e trilhas para o futuro.

Agradecemos a acolhida institucional da Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Nosso muito obrigada aos esforços da Tamara, Gabriele e Luana, além da paciência, dedicação e atenção na contabilidade e nos pagamentos mensais. Somos muito gratos à parceria com o Pretaterra – Paula, Valter, Mariana, que desenvolveram um lindo projeto de agrofloresta para a aldeia Pyau. Agradecemos, ainda, os desenhos do Thiago Karai Djekupe, do Karai Jekupe e Felipe da Silva, a maquete e as ilustrações da Gabriela Toral, a aula da professora Anna Beatriz Galvão, as referências arqueológicas do Paulo Zanettini, além do apoio financeiro do CAU/SP, com a orientação cuidadosa e contínua de Paula Corrente e Diego Lorenzo, sem os quais nada disso teria sido possível.

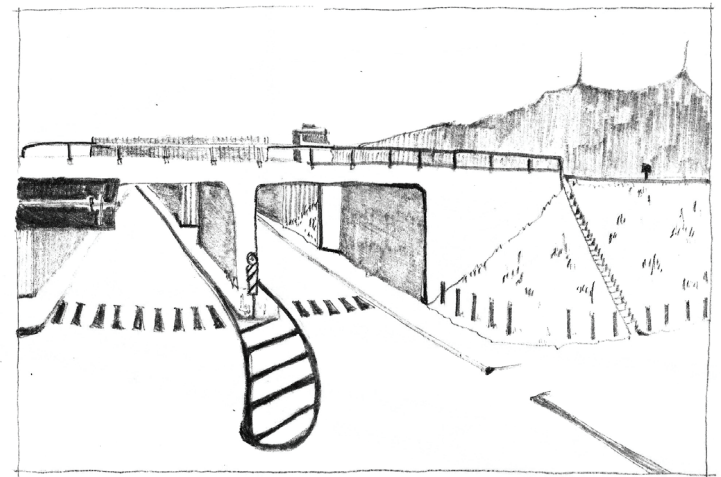
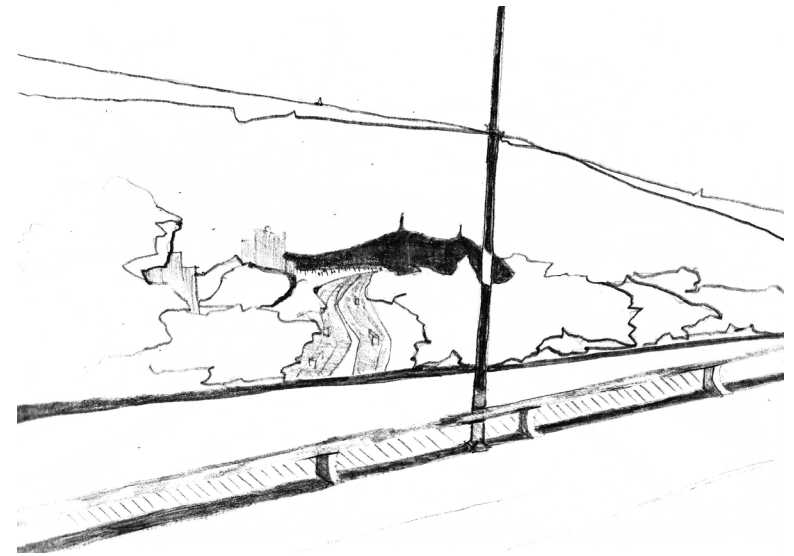


Fig. 2. e 3. Rodovias no entorno da Terra Indígena Jaraguá.

I.

Os Tekoas na Terra Indígena Jaraguá



Fig. 4. Aldeia Pyau cortada pela Rodovia dos Bandeirantes.

1. Caminhos Guarani Mbya

Porque a gente tem dois caminhos. Todo guarani enxergou dois caminhos para conviver com o modo de vida ocidental. Um é dialogar. Esse é o nosso principal caminho. E o outro caminho é a resistência, é saber que se quiserem nos tirar do nosso território e a gente não tem mais pra onde se esconder, pra onde correr, temos de resistir.¹

Localizada no Pico do Jaraguá, na bacia do rio Tietê, no Planalto Atlântico, região noroeste da metrópole de São Paulo, a Terra Indígena Jaraguá, homologada com 1,7 hectares em 1987, é considerada, até o momento, a menor em área do Brasil. Em 2015, após grande mobilização política, a Terra Indígena (TI) teve seus limites de demarcação ampliados para 532 hectares.

No Jaraguá, encontram-se seis aldeias: Tekoa Ytu, Tekoa Pyau, Tekoa Itakupé, Tekoa Ita Verá, Tekoa Itaendy e Tekoa Yvy Porã,² onde vivem aproximadamente 720 pessoas.³ A maioria dos habitantes da TI Jaraguá fala o dialeto Mbya, embora haja algumas famílias falantes dos dialetos Nhandeva ou Xiripa e, em menor escala, Kaiowa, da família Tupi-Guarani, do tronco Tupi.

1. Depoimento de Thiago Henrique Karai Djekupe, liderança indígena da Terra Indígena Jaraguá.

2. As traduções que podem ser oferecidas para os nomes das aldeias são as seguintes: Tekoa Ytu (“Aldeia da Cachoeira”), Tekoa Pyau (“Aldeia Nova”), Tekoa Itakupé (“Atrás da Pedra”), Tekoa Ita Vera (“Aldeia Pedra Reluzente”), Tekoa Itaendy (“Aldeia Pedra Luz”) e Tekoa Yvy Porã (“Aldeia Terra Boa/ Terra Bonita”). COELHO, Antonio Salvador e Comunidade Guarani Mbya. *Sementes, plantas e florestas. Mbya Guarani compartilhando saberes*, CTI, s.d

3. <https://cpisp.org.br>. Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP). Acessado em 30.10.2022.

O crescimento da mancha urbana de São Paulo levou a constantes invasões dos *juruá*⁴ no território Guarani, das quais resultaram formas de violência diversificadas, como a redução e a fragmentação do território, a construção de rodovias, avenidas e ruas, obras de infraestrutura, poluição das águas e do ar, desmatamento progressivo da Mata Atlântica e agressiva especulação imobiliária de suas terras.

No entanto, as ações cotidianas dos Guarani, vivendo segundo seu *nhanderekó* (“modo de vida guarani”) nas terras do Jaraguá e em Parelheiros, na zona sul da metrópole, revelam outros projetos de presente e futuro para a cidade de São Paulo. O cultivo de alimentos, cuidado com a Mata Atlântica, os rios e lagos operam como manutenção da terra e instigam a cidade a reestabelecer esta conexão⁵. Os Guarani propõem uma política de vida⁶ na metrópole, de convivência e conexão com humanos e não humanos: animais, as plantas, rios, espíritos e divindades, e a necessária preservação da Mata Atlântica para manutenção de seus modos de vida.

Enquanto os *juruá* exploram a terra como mercadoria, propriedade privada, que deve ser cercada para acumular riquezas, os Guarani compreendem a terra como “o próprio cosmos, vida e morte, corpo e espírito, peixes e estrelas se encerram nela”.⁷ Apontam para o cuidado com a terra como prática permanente, como analisa Maria Inês Ladeira: “A noção de terra está, pois, inserida no conceito mais amplo de território que sabidamente pelos Mbya se insere num contexto histórico

4. *Juruá* é o termo Guarani Mbya para branco ou não indígena, que pode ser traduzido como “boca com cabelo” em alusão às barbas e bigodes usados pelos colonizadores ibéricos.

5. PERRACINI, Beatrice. *Práticas espaciais de resistência Guarani Mbya em São Paulo*, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Escola da Cidade, 2020, p.131-132.

6. MORAES, Alana. SCHAVELZON, Salvador; GUARANI, Jera; KEESE, Lucas; HOTIMSKY, Marcelo. “Um levante da terra na metrópole da asfixia”. *Piseograma*, Belo Horizonte, seção Extra!, 4 de fev. 2021.

7. *Idem*.

(mítico) cíclico, e, portanto, infinito, pois ele é o próprio mundo mbya”⁸.

Dessa perspectiva, a terra é um espaço de vida que tem dimensões religiosas, sagradas e coletivas. Guardiã, protetora dos biomas e lugar de memória dos ancestrais e dos bebês, ela é condição indispensável para a existência das comunidades indígenas Guarani, sua mobilidade, fundação de novos núcleos, manutenção da relação com a mata, criação de roças, práticas de caça e coleta, produção e venda de artesanato.

As redes que articulam os territórios tradicionais Guarani são formadas por *tekoas*, lugares sagrados onde expressam uma identidade étnica pautada na língua comum da família Tupi-Guarani, na concepção de pessoa guarani, na generosidade, nas cosmovisões e cosmologias, nas inter-relações, nos ancestrais míticos comuns, na produção de cultura, na política, na palavra e no ethos social do grupo regido por comportamentos e costumes coletivos.⁹

Cada *tekoa* é formado por uma família extensa que organiza a estrutura básica das comunidades guarani. O tempo para se construir o *tekoa* é de “quatro voltas de lua” (ou quatro luas novas), tempo de preparar a terra, plantar e construir as casas.¹⁰

Historicamente, os povos Guarani habitavam e caminhavam por todo o território que hoje se estende e se sobrepõe às fronteiras do Equador à Argentina. “O conceito utilizado pelos Mbya para designar seu território de ocupação é *Yvyrupa*. Esse termo, polissêmico, pode ser traduzido como ‘suporte (ou plataforma) terrestre’, e abrange toda a extensão do território onde os Guarani estabelecem ou consideram possível estabelecer suas aldeias.”¹¹

8. LADEIRA, Maria Inês. *O caminhar sob a luz. Território mbya à beira do oceano*. São Paulo: Editora da Unesp, 2007, p. 68.

9. KOK, Glória. *As coleções etnográficas Guarani do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, 2018.

10. LADEIRA, Maria Inês. *op. cit.*, 2007, p.92.

11. PIMENTEL, Spency et al. *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação*, Brasília: CGID/DPT/FUNAI, 2013, s.n.

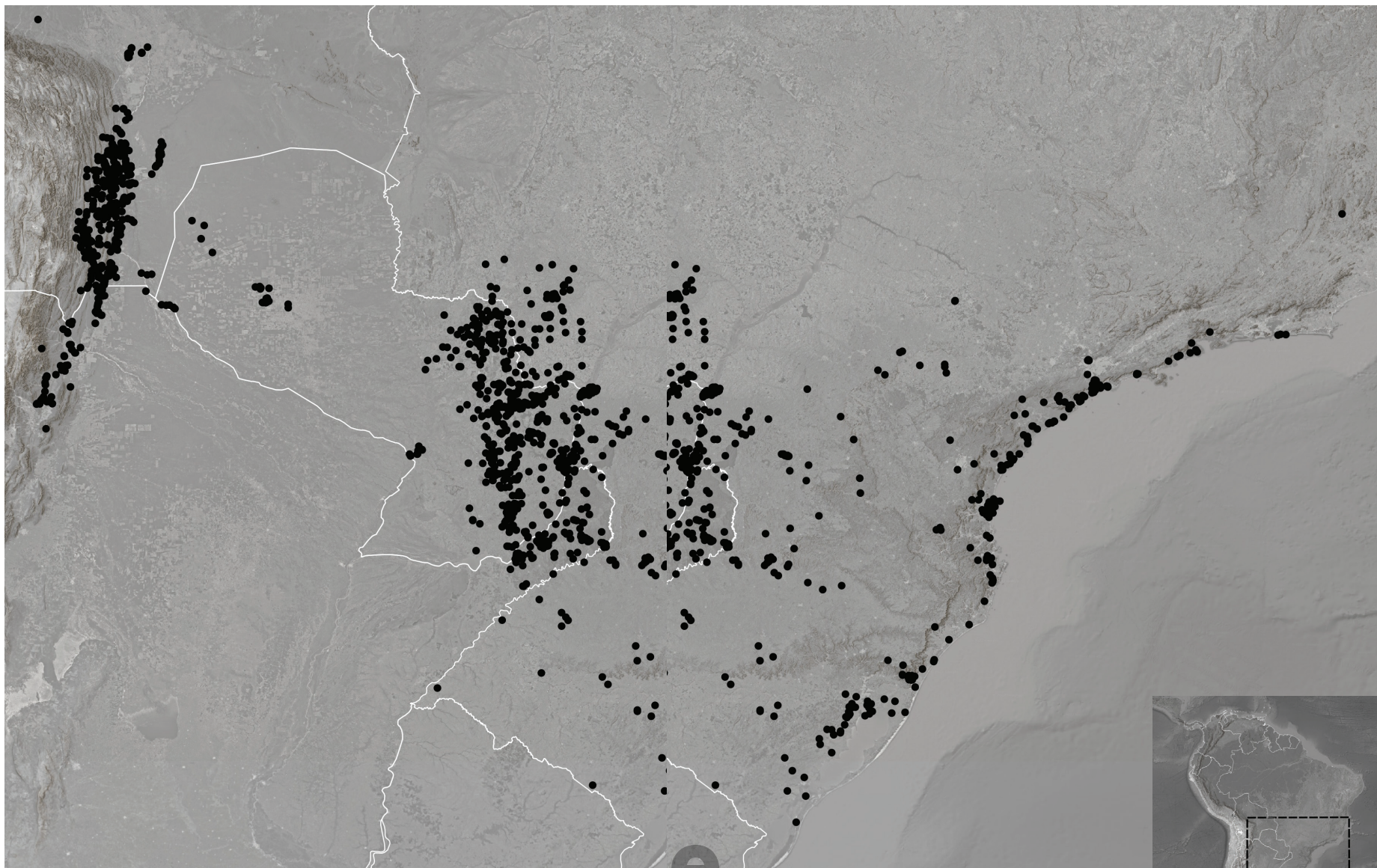


Fig. 5. • Aldeias Guarani na América do Sul. São Paulo, 2019.
Fontes: Google, LEPEGE (Laboratório de pesquisas em geografia física), Mapa Guarani Digital.

0 100 200 km



Fig. 6. *Mbaracá* (Maracá)

Os Guarani exercem seu modo tradicional de viver no *tekoa* até o momento em que o *Xeramõi* (“líder espiritual”), move a comunidade, por meio de rezas e dos *petynguas* (cachimbo, onde se fuma o fumo de corda), alertando para a necessidade de guiar o seu povo para caminhar para outros lugares.

O *Tekoa* é uma pausa antes da busca do céu. Para nós, Guarani, *Yvyrupa* quer dizer uma terra só, um continente sem fronteiras, como foi criado por Nhanderu, nosso Deus, onde todos os povos, sejam indígenas ou não, possam viver sem conflito. Uma terra sem limites, sem males, onde toda a humanidade possa viver dignamente, porque Nhanderu gerou a terra para que todos os seres vivos possam viver em harmonia.¹²

Nesse sentido, a mobilidade pela terra é simultaneamente horizontal e vertical, sempre em conexão com Nhanderu (o deus verdadeiro), o dono das terras, que guia o seu povo nas caminhadas em redes de dimensões continentais entre *tekoas*. “O movimento *oguatá* (caminhar) é uma forma de estar no mundo, de manter a saúde física, mental e espiritual”.¹³

Do ponto de vista simbólico, é fundamental para os Guarani a circulação entre a região que concebem como o centro do mundo (*yvy mbyte*) e que corresponde à tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai, Argentina e a região que concebem com a extremidade do mundo (*yvy apy*) e que coincide com toda a Mata Atlântica litorânea. A TI Jaraguá localiza-se na bacia do Tietê e sempre se constituiu como ponto importante na passagem de grupos que se deslocavam ao litoral, como é o caso do

12. Marcos dos Santos Tupã, coordenador da Comissão Guarani Yvyrupa. COMISSÃO GUARANI YVYRUPA. *Guaiá e Terra Roxa*, 2017, p. 9.

13. VEIGA, Juracilda; AZEVEDO, Marta M.A.; COLMAN, Rosa S. Recuperando territórios, a expansão dos Guarani do Estado de São Paulo. In: AZEVEDO, Marta Maria A.; BAENINGER, Rosana. *Povos Indígenas: Mobilidade Espacial*. Campinas, Núcleo de Estudos de População – Nepo/ Unicamp, 2013, p.72.



Fig. 7. Caminho aldeia Yvy Porã

grupo interceptado por Nimuendaju no início do século XX, às margens desse rio.¹⁴

Ao refazerem seus caminhos, iluminados por Nhanderu, os Guarani Mbya reforçam os vínculos de solidariedade e parentesco com uma rede de aldeias, transmitem conhecimentos e revivificam a memória dos antepassados que ocuparam os territórios sul-americanos.¹⁵

Atualmente, os territórios dos Guarani estão fragmentados e descontínuos, atravessados pelas fronteiras do Paraguai, Uruguai, Argentina, Bolívia e Brasil, como consequência da violência do avanço dos agentes da colonização, que, desde o século XVI, propagaram epidemias, guerras coloniais, escravização e espoliação de suas terras. As permanentes invasões dos territórios indígenas por bandeirantes, mineradores, fazendeiros, madeireiros, garimpeiros, posseiros e agentes do Estado levaram à fragmentação do território, ao confinamento dos grupos em terras diminutas e à destruição da Mata Atlântica.

Uma análise do Mapa Guarani Digital¹⁶ demonstra que os Guarani fazem suas aldeias sobre seus territórios ancestrais (sítios arqueológicos), como por exemplo as margens do rio Paraná, de onde foram expulsos sem terem conseguido retomar os antigos territórios na época.

De fato, os Guarani não abandonam os lugares que tenham habitado; estes lugares se transformam em referência, ou rota para migrações futuras; sempre uma nova família

14. PIMENTEL, Spency et al. *op. cit.*, 2013, s.n.

15. O destino final dessas caminhadas guiadas pelo líder espiritual é a Terra sem Mal - *Yvy Marãey* -, local partilhado pelos deuses e ancestrais, onde a morte, a miséria e a dor estariam definitivamente banidas. Sua localização dependia da visão dos pajés, ora a leste, ora a oeste da terra, no além mar ou no centro do mar. Seu acesso era possível por meio de rezas, rituais, danças e cantos. No âmago do pensamento Guarani, havia o desejo de que os homens pudessem se equiparar aos deuses.

16. O Mapa Guarani Digital é organizado pelo Centro de Trabalho Indigenista – CTI, Comissão Guarani Yvyrupa – CGY e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN

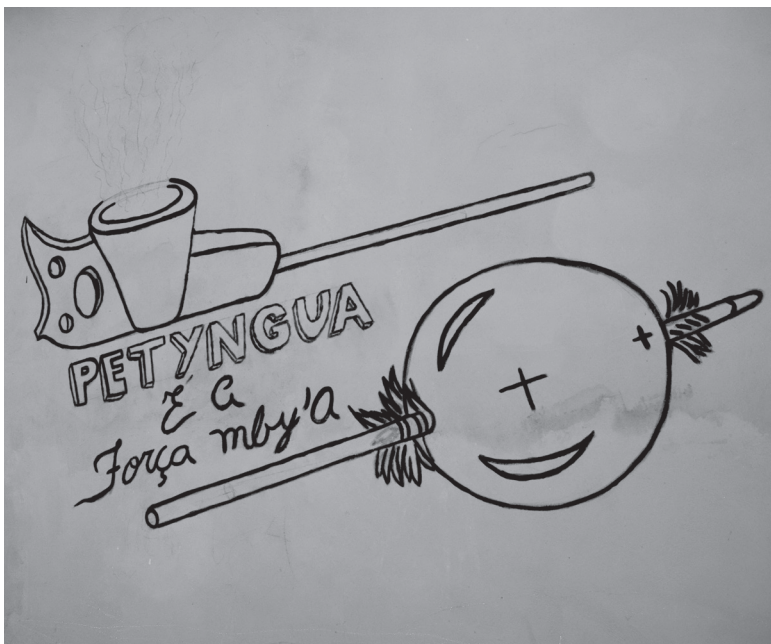


Fig. 8. e 9. Desenhos na parede do Centro Cultural Amba Verá.

extensa vem ocupar esse espaço. Poderíamos dizer que os Guarani possuem uma ocupação do espaço caracterizada como multilocal; vão adiante sem abandonar seu local de nascimento ou o local onde vivem seus parentes, lugares para os quais sempre estão retornando em busca de novas alianças matrimoniais e políticas.¹⁷

Assim, o local onde grupos Guarani viveram nunca mais é abandonado, fazendo parte da história e da tradição oral do grupo. “O local onde é erguida uma *opy* (casa de reza) torna-se um lugar sagrado que marca o território Guarani, mesmo quando a construção física se acaba, a *opy* continua existindo.”¹⁸ Segundo a liderança Guarani Alísio Gabriel Tupã Mirim, desde o nascimento de uma criança numa determinada terra, a mesma já não pode mais deixar de ser um *tekoa* pelos Guarani, pois desde que uma criança nasce, cria-se um vínculo entre ela e a terra.¹⁹

O território Guarani, portanto, permanece na memória e é um farol para a retomada e a reocupação das terras ancestrais. O espaço que compreende o território guarani se estende desde as aldeias existentes, as que deixaram de existir, aquelas que constituem paradas estratégicas entre excursões e caças.²⁰ No contexto da cidade de São Paulo, o território Guarani ancestral foi sobreposto a outros usos e formas de viver pelos *juruá*, que transformaram aterrando rios, desmatando e cobrindo com edificações e avenidas o chão de ex-florestas.²¹

Sônia Ara Mirim, moradora da aldeia Ytu e liderança da Terra Indígena Jaraguá, explica diferentes visões de terra e de território:

17. VEIGA, AZEVEDO, COLMAN, *op. cit.*, 2013, p.77.

18. VEIGA, AZEVEDO, COLMAN, *idem*, p.49.

19. PIMENTEL Spency et al. *op. cit.*, 2013, s.n.

20. MICHELINO, Giulio. *Tekoa, cidade e nhanderekó: Cultura Guarani nas aldeias do Jaraguá*, São Paulo. TCC da Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2019, p.27.

21. PERRACINI, Beatrice. *op. cit.*, 2020.



Tem muita diferença de território para terra. Aqui a gente fala Terra Indígena Jaraguá, não é porque é Terra Indígena Jaraguá. Aqui [Cidade de São Paulo] é Território Guarani. No litoral, a mesma coisa, no litoral sul e no litoral norte. Lá são territórios. Território dos Guarani Mbya, tem território dos Tupi-Guarani, tem território de outras etnias que devem ter lá. E tem as terras: Terra Indígena do Jaraguá que é aqui. Mas tem todo território, tem um amplo, uma coisa maior, não tem fronteira. Argentina é território, Paraguai é território, Uruguai e Bolívia são territórios indígenas que podem viver vários povos dentro do território. [...] O importante hoje com as demarcações de terra não é ter espaço, é ter espaços, mas para reflorestamento, para cuidar realmente da floresta.”²²



Fig. 10. e 11. Campo de futebol e vista do Pico do Jaraguá na Aldeia Pyau.
Fig. 12 (p. 26) Mata da Aldeia Pyau

22. Entrevista de Sônia Ara Mirim por Giulio Michelino em 2019.



2. A formação das aldeias

Para o *Xeramõi* Nelson, as aldeias tais quais se configuram hoje se formaram quando os povos Guarani perderam a liberdade de caminhar sob as estrelas, guiados pelas constelações, e ficaram confinados pelas cercas, limites e infraestrutura criados pelos *juruá*. Para ele, é preciso continuar formando *tekoas* para que todos possam dormir tranquilos.²³

A presença dos Guarani no Jaraguá remete ao período pré-colonial, por ser um lugar estratégico de parada entre o litoral e o interior. A ocupação se deu a partir da década de 1950, quando se estabeleceu o líder André Samuel dos Santos, Guarani Nhandeva que havia fugido da cadeia do Posto Indígena de Itanhaém, onde estava preso por manter as práticas tradicionais. Em 1966, o casal Jandira Kerexu Augusta Vinícius Guarani e Joaquim Augusto Martim Guarani²⁴ formaram,

23. Entrevista de *Xeramõi* Nelson Florentino realizada por Chão Coletivo na aldeia Pyau, em 13 de agosto de 2022.

24. Joaquim Augusto Martim nasceu na aldeia Bagé, no Rio Grande do Sul, próximo à fronteira com o Uruguai. De lá, ainda menino, seguiu até São Paulo. Em Passo Fundo (RS), sua mãe foi ferida e Joaquim seguiu viagem aos cuidados de sua tia materna. Em Sorocaba, por estar muito doente, ficou internado em um hospital. Ali foi abandonado pelos seus parentes que seguiam seu avô, Nhanderu (líder espiritual) que rumaram para a aldeia do Rio Branco, em Itanhaém, litoral sul de São Paulo. Quando se restabeleceu, foi adotado por um casal de alemães. Com 18 anos, Joaquim encontra alguns indígenas em Santos, para onde partira em busca de trabalho, que lembravam da história dele e que moravam no Rio Branco. Mudou-se para as proximidades da aldeia, fazendo parte de um grupo de música que se apresentava em bailes populares no litoral sul. Foi num baile em Mongaguá que conheceu a cacique Jandira. Como Joaquim não estava acostumado com a vida na aldeia, mudaram-se diversas vezes para Itaquaquecetuba, Barragem, Cidade Dutra até se deslocarem para o Jaraguá, onde se estabeleceram na Tekoa Ytu. SILVA, Fábio Nogueira da. *Elementos da etnografia Mbyá: lideranças e grupos familiares na aldeia Tekoa Pyau (Jaraguá, São Paulo, SP)*. Dissertação de mestrado apresentada ao



Fig. 13. Casa da aldeia Pyau

Fig. 14. Meliponário da aldeia Yvy Porã



Fig. 15. Mapeamento da Aldeia Ytu. São Paulo, 2019.

Fontes: Google, SMUL (Secretaria Municipal de Licenciamento), GEOINFO.

com seus oito filhos, o Tekoa Ytu, a primeira aldeia da Terra Indígena Jaraguá.

Nessa época, os grupos viviam de caça de pequenos animais, sobretudo tatus e cotias, da pesca do Ribeirão das Lavras, dos remédios do mato (raízes, folhas e cascas de árvore), das roças de milho, feijão, batata-doce e mandioca e conseguiram na matéria-prima para o artesanato, como a semente chamada de “lágrima de nossa senhora”, e para a construção de suas casas, como sapês, cipós, taquaras e madeiras.²⁵

Na década de 1990, o *Xeramõĩ* e cacique José Fernandes Karai Poty, sua esposa Rosa e seus filhos mudaram-se para a Tekoa Ytu. No entanto, como estratégia de retomada formaram outra aldeia, a Tekoa Pyau.

Hoje, os netos de Jandira, que se declaram como a “terceira geração” da aldeia realizam um movimento de resgate do que consideram importante para sua “guaranidade”, envolvendo não apenas o aprendizado da língua, mas também a reprodução dos elementos da religiosidade como o uso do *petyngua* (o cachimbo guarani²⁶), a participação cotidiana nos rituais da casa de reza e o aprendizado que essa participação implica.²⁷

David Karai Popygua, morador, professor e liderança do Jaraguá, conta que seu avô decidiu viver no Tekoa Ytu porque era longe da cidade, mas a expansão urbana foi muito rápida. Nos territórios reduzidos, não é fácil produzir alimentos, os habitantes das aldeias do Jaraguá se dedicaram à produção de artesanatos para garantir a sobrevivência.²⁸ O sentido de reforçar

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da FFLCH da USP, 2006, pp. 25,26, 27 e 28.

25. PIMENTEL, Spency et al. *op. cit.*, 2013, s.n.

26. Valéria Macedo. “Mundéu do mundo. Predação e troca de relações entre os Guarani e os Juruá”. In: GALLOIS, Dominique; MACEDO, Valéria (orgs.). *Nas redes Guarani. Saberes, tradições e transformações*. São Paulo: Hedra, 2018, p.204.

27. SILVA, Fábio Nogueira da, *op. cit.*, p.38.

28. ZANFER, Gustavo Costa. *Guarani em São Paulo: A comunidade indígena do Jaraguá*. J. Press, 4 de setembro de 2020.

tradições, costumes, sonhos, reflexões e ações por parte dos jovens coincide com as lutas de retomada dos territórios ancestrais e de demarcação da Terra Indígena Guarani no Jaraguá.



Fig. 16. Plantio de roça na Terra Indígena Jaraguá.

3. A demarcação do território

Se tem que demarcar a terra, deveria demarcar para o *juruá*, para ele viver ali em um lugar e respeitar o resto. Afinal, a aldeia está na cidade ou a cidade está na aldeia? Quem veio primeiro?²⁹

O Professor de Direito Carlos Frederico Marés de Souza Filho sublinha, no prefácio “Território da Não-Modernidade”, a imposição obsessiva de demarcação das terras pela força bruta dos Estados modernos no exercício de poder, controle e domínio das populações. Esta noção de propriedade entra em choque com o conceito de território Guarani.

Hoje, nós, o ocidente, chamamos estas sobras de parques, de áreas protegidas, de unidades de conservação, na tradição da modernidade, e os Guarani chamam, singelamente, de ‘sua terra’. Lá, onde tem uma mata, onde nasce o jerivá plantado pela natureza, quem sabe pela cotia, quem sabe pela gralha, lá onde brota a água limpa, lá onde se pode ver o mar, lá é a terra Guarani. Lá hão de nascer seus filhos e plantar sua casa, lá onde não tem jurisdição nem soberania, lá é terra de viver.³⁰

Foi somente em 1987 que o governo do Estado de São Paulo reconheceu o território Guarani e, pelo Decreto nº 94.221,

29. Depoimento de David Karai Popygua, professor e líder indígena Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá.

30. SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. Prefácio “O território da não-modernidade”. In: LADEIRA, Maria Inês. *Espaço geográfico Guarani-Mbya. Significado, Constituição e Uso*. Maringá/PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008, p.15.

demarcou a Terra Indígena Jaraguá com 1,7 hectares. O processo de regularização fundiária não reconheceu o território tradicionalmente ocupado pelos Guarani Mbya para coleta, roçados, mas restringiu o território aos espaços das casas, causando enormes conflitos e sérios problemas no cotidiano das comunidades.

Apesar da violência e das numerosas violações perpetradas pelos governos brasileiros, a Constituição de 1988 significou um ponto de inflexão aos direitos indígenas, desencadeando a emergência de muitas identidades indígenas que estavam invisibilizadas. O artigo 231 determina: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os bens”.³¹

No dia 29 de maio de 2015, a Portaria nº 581 ampliou a área demarcada da Terra Indígena Jaraguá para 532 hectares, resultado da extensa luta Guarani pelo território. No entanto, inconstitucionalmente, a Portaria MJ nº 693/2017 foi revogada alegando-se um erro administrativo, pois houve uma sobreposição com o Parque Estadual do Jaraguá.

A palavra dos brancos é difícil, truncada, mas, nós, que não temos o português como nossa língua materna, não temos dúvida que o que diz a Constituição é o mesmo que os nossos rezadores sempre disseram, é o que nos dizem as divindades, que muitos brancos não sabem ouvir: somos os primeiros habitantes dessas terras e, por isso, não há lei ou portaria que possa revogar nossos direitos sobre elas. Não vamos desistir da demarcação da Terra Indígena Jaraguá, e de nenhuma das nossas terras. Nossos rezadores vão continuar trabalhando para iluminar o coração dos governantes, e buscaremos também todos os meios legais para reverter essa decisão vergonhosa do Governo Temer,

31. BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Promulgada em 5 de outubro de 1988, 4ª ed. São Paulo, Saraiva, 1990.

que pode repercutir para muitos parentes indígenas em todo o Brasil.³²

Ao final, a decisão da Portaria nº 581 foi mantida, e a Terra Indígena Jaraguá aguarda o processo final de homologação da nova área demarcada, e seus moradores seguem resistindo com seu modo de vida às invasões dos *jaruá*.



Fig. 17. Grafismo Guarani Mbya.

32. Carta dos Guarani, publicada após a Portaria do Ministro da Justiça revogar a Portaria nº 581 que declarava a ampliação da Terra Indígena Jaraguá.

4. O impacto *jurua* no território indígena do Jaraguá



Fig. 18. Rodovia Anhanguera em direção ao Pico do Jaraguá

E os índios não caminhavam assim pela estrada, eles acompanhavam conforme a constelação da estrela. Então, esse é o caminho que os Guarani antigos seguiam. Não seguiam pelo asfalto, não seguiam por onde a estrada estava boa, não é assim. Nós, Guarani antigos, nós considerávamos a constelação que aparece. Seguiam conforme aquilo pra alcançar a Terra sem Mal, no caso, o reino de deus.³³

São quinhentos e dezessete anos de resistência. Quem você acha que chegou aqui primeiro o Parque [Estadual do Jaraguá] ou o nosso povo?³⁴

Antes dos meus avós chegarem aqui para ficar no Tekoa Ytu, o André Samuel morava do lado de lá da Bandeirantes. Não existia a Bandeirantes. Era um lado que tinha nascentes, tinha caça, tinha animais e aí o *jurua* foi e passou a rodovia. Quando fez essa rodovia, não havia nenhum tipo de estudo de impacto, de impacto com a comunidade, de impacto ambiental... O barulho é contínuo, principalmente à noite quando a gente tem que ter um pouco mais de silêncio, o barulho da via fica muito mais alto. Isso traz, de certa forma, um certo incômodo, atrapalha na reza, no nosso culto, nas nossas cerimônias. A gente percebe que,

33. Entrevista com *Xeramôí* Nelson, liderança espiritual da Terra Indígena Rio d'Areia para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em 15 de agosto de 2022.

34. Depoimento de David Karai Popygua. In: MENDOZA, Jorge. Guaranis no Parque Jaraguá: "São 517 anos de resistência". *PSTU*, 16.9.2017.

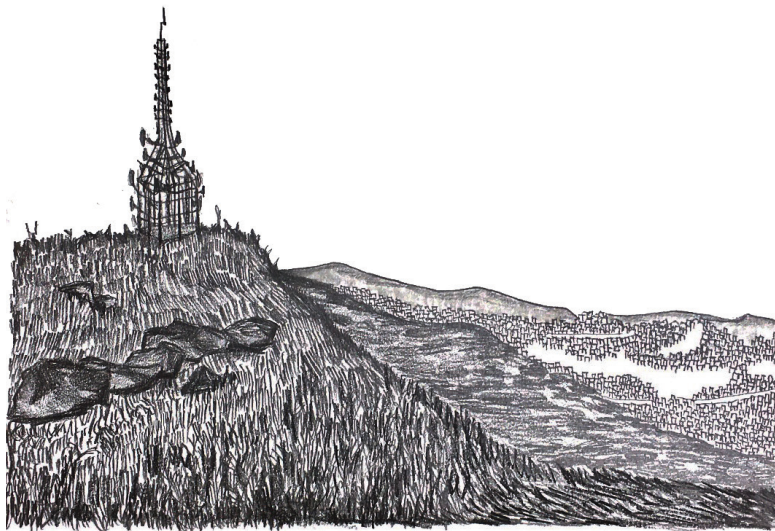


Fig. 19. Antena no Pico do Jaraguá

Fig. 20. (p. 40) Desmatamento e extração da Mata Atlântica para a construção da Rodovia dos Bandeirantes entre 1976-1978.

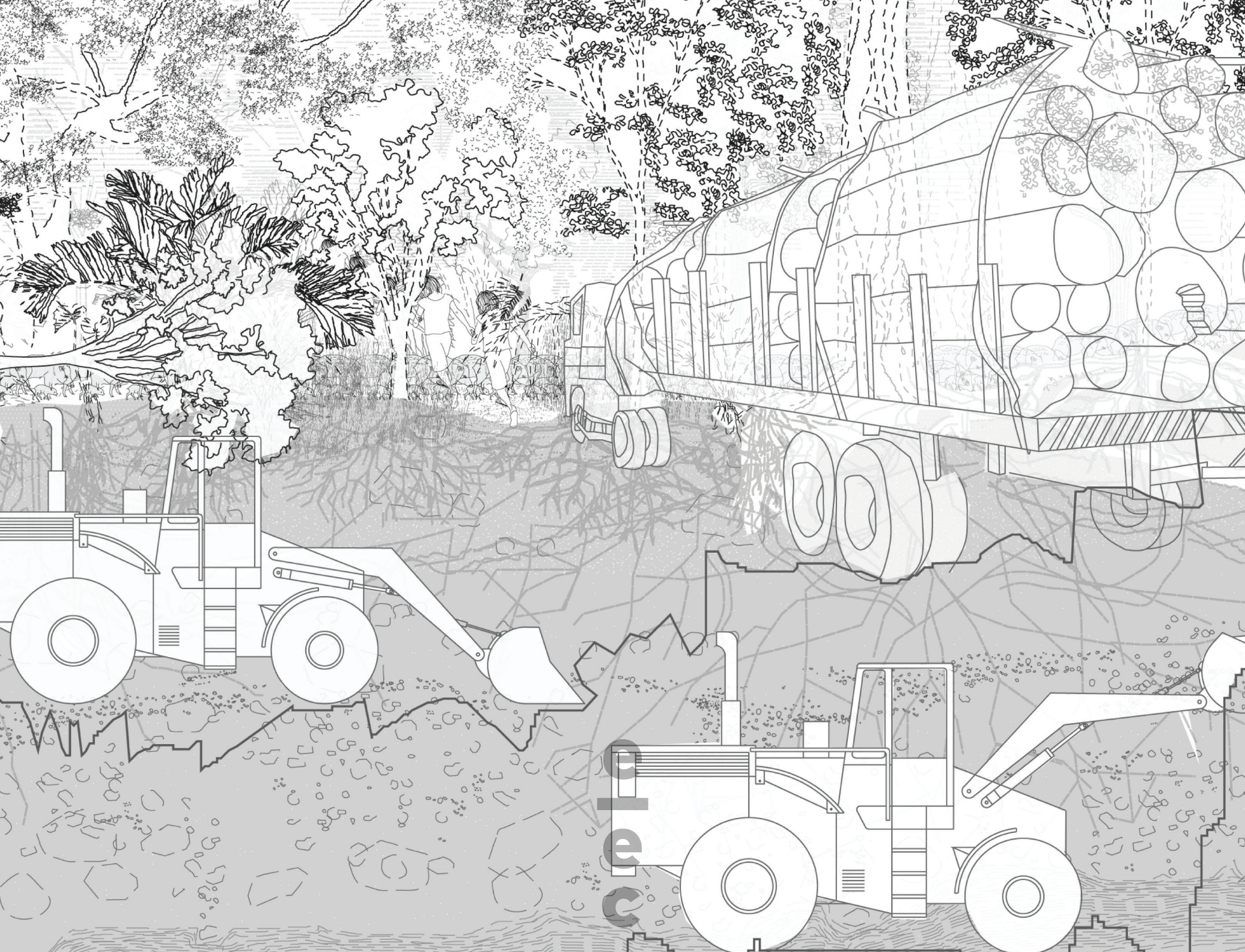
por essa questão da vida do *jurua* estar cada vez mais invadindo o nosso território, também a depressão vem chegando, os pensamentos de tirar a própria vida e a gente acaba tendo a rodovia sendo uma homenagem a assassinos um caminho para se deixar levar, para se entregar mesmo pra morte. Hoje a presença dessa rodovia é só uma lembrança mesmo que a gente ainda vive num Estado que tenta nos manter invisíveis na sociedade e, de certa forma, nos matar aos poucos.³⁵

A construção da rodovia Anhanguera, iniciada em 1940, que conecta as cidades de São Paulo e Campinas, tornou-se a estrada mais movimentada de São Paulo em um período de quarenta anos. No entanto, as grandes mudanças estruturais na paisagem ocorrem com a construção da Rodovia Bandeirantes, iniciada em 1976 e inaugurada em 1978. Ambas as rodovias foram nomeadas com nomes de assassinos de indígenas, “desbravadores de matas e plantadores de cidades”³⁶.

A Bandeirantes, além de ter cortado o território Guarani, interrompeu a ligação entre a Mata Atlântica da Serra da Cantareira e a do Jaraguá, inviabilizando o acesso de áreas de coleta de matéria-prima para artesanato, confecção de remédios e construção de casas. A rodovia desencadeou um processo de poluição das águas, interrompimento de rios e falta de acesso a plantas medicinais, materiais artesanais e materiais para a construção e reforma das casas Guarani no Jaraguá, levando a uma contínua fragmentação do território e degradação ambiental da Mata Atlântica. O interesse público e privado nos arredores da rodovia autorizou a divisão de grande parte da Mata Atlântica no entorno da rodovia na região do Pico do Jaraguá em lotes para venda.

35. Entrevista com Thiago Henrique Karai Djekupe, liderança Guarani Mbya da Terra Indígena Jaraguá, para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em 12 de maio de 2022.

36. Inscrição presente na base do “Monumento às Bandeiras” de Vitor Brecheret em frente à Assembleia Legislativa de São Paulo.



O Ribeirão das Lavras, que passa pela aldeia Ytu, onde tantas crianças e jovens aprenderam a nadar, encontra-se hoje canalizado e:

Quase tão estéril quanto o rio Tietê. Em suas águas é despejado o esgoto de diversas construções que surgiram no entorno, poluição que tem também a colaboração do próprio Parque, a partir da estrutura criada para a visitação turística (banheiros, lanchonetes e prédios de administração).³⁷

Thiago Henrique Karai Djekupe fala sobre as consequências da canalização da água depois da construção da Rodovia dos Bandeirantes:

E aí outra coisa é que como eles fizeram a rodovia, a canalização da água que passa por baixo dela caía direto na aldeia. Na Ita Vera, que é um dos seis núcleos do território, era tipo uma bacia e aí toda a água suja que vinha desse morro e passava por baixo da Bandeirantes era jogada lá. Então a comunidade depois ficava cheia de mosquitos, de água suja. E aí teve que fazer um aterro ali para poder a água não empossar mais. Só que, mesmo assim, a água vai pela rua e cai no rio de qualquer jeito quando chove muito. O esgoto transborda e cai no rio, poucos peixes ainda sobrevivem que vêm do Parque, a gente vê o peixe boiando, e a gente sabe que se o peixe está morrendo ali com a água, imagina se a gente entrar na água.³⁸

Em 2002, o Estado fez outro grande empreendimento que impactou a Terra Indígena Jaraguá: a construção do Rodoanel Metropolitano no trecho Oeste, sob a responsabilidade da empresa de Desenvolvimento Rodoviário S/A (Dersa), localizada a três quilômetros das aldeias indígenas.

37. SILVA, Fábio Nogueira da, *op.cit.*, p.34.

38. Entrevista com Thiago Henrique Karai Djekupe realizada na Aldeia Pyau para Chão Coletivo, em 12.2.2022.

O Rodoanel recortou o entorno do Pico do Jaraguá, favorecendo a urbanização e destruindo os habitats dos animais que viviam na região, como os porcos-do-mato, considerados simultaneamente alimentos e animais sagrados.³⁹ Estradas secundárias, como a estrada Comendador José de Matos, dividiam o território em três áreas separadas, separando as aldeias Tekoa Ytu e Tekoa Ita Vera da Tekoa Pyau. A pavimentação da rua intensificou a velocidade do tráfego de carros e a presença de caminhões e ônibus, aumentando o risco de atropelamentos. A rua também destruiu antigos espaços de roça, de mata e canalizou ribeirões. Locais de árvores frutíferas, dos seres da floresta e dos animais foram cimentados. Muitos conflitos fundiários surgiram depois da construção da rodovia dos Bandeirantes, motivados pela especulação imobiliária, grileiros, sitiantes, fazendeiros, entre outros, retalhando a continuidade do território Guarani e da Mata Atlântica ao redor do Pico do Jaraguá.

Apesar da grande destruição ambiental, de caminhos e redes humanas e não humanas no Jaraguá, a liderança Sônia Ara Mirim chama a atenção para a o caráter indestrutível do legado e a força das identidades étnicas Guarani como resistência: “O Guarani nunca perde sua essência, o Guarani nunca perde seu modo de vida, sabe? Não importa se a cidade chegou até a aldeia, a tradição e a cultura sempre vão existir”.⁴⁰

Guardiões da Mata Atlântica, os Guarani Mbyá são grandes conhecedores de plantas, animais, rios, entre muitas outras formas de vida. De acordo com a Carta Tenonderã:

O Guarani é um grande conhecedor da *Ka'aguy ovy* que o juruá, o não-índio, chama de Mata Atlântica. A *Ka'aguy ovy* é um espaço sagrado, é a morada de Nhanderu, o criador da vida. A destruição da *Ka'aguy ovy* pelo Juruá vem sendo

39. Laura Pappalardo, *Mapeando a Terra para Reparações no Pico do Jaraguá*. Dissertação de Mestrado. Yale School of Architecture. Orientadora: Keller Easterling. Maio 2021.

40. Entrevista com Sônia Ara Mirim para Giulio Michelino em 2019.

acompanhada por nós Guarani há muito tempo. O *yvyrupa*, como chamamos o território tradicional Guarani, vem sendo loteado e desmatado, gerando o esgotamento dos recursos naturais da *Ka'aguy ovy*.⁴¹

A floresta abre vias de conexão com a cosmologia e configura uma política de resistência à destruição do mundo,⁴² na qual os Guarani Mbya garantem a preservação da sobrevivência física, da memória e da cultura coletiva.⁴³ Nas palavras da liderança Sônia Ara Mirim, [...]

“o nosso território sempre foi uma floresta. Nós não temos mais como retornar essa floresta como era antes, mas já existem lugares que ainda nós podemos reconstruir, podemos morar para preservação. O importante hoje com as demarcações de terra não é ter um espaço, é ter espaços, mas para reflorestamento, para cuidar realmente da floresta”.⁴⁴

Antes da construção da Rodovia dos Bandeirantes e do Rodoanel Mario Covas, havia um contínuo de floresta com a região da Serra da Cantareira e do Parque Anhanguera, entrecortada de pequenos estabelecimentos rurais. Nos últimos anos, porém, empreendimentos, loteamentos clandestinos,

41. A Carta Tenonderã foi elaborada durante encontro com cerca de 200 jovens Guarani, de 14 diferentes localidades, na aldeia Tenondé Porã, que fica no bairro de Parelheiros, em maio de 2009. Depois deste encontro, as propostas foram levadas para diversas aldeias, para recolher a posição dos outros Guaranis, especialmente dos anciões e dos caciques. Assinaram o documento 16 grupos indígenas, localizados na capital paulista, em Ubatuba, Mongaguá, Sete Barras, Bertioga, São Sebastião, Salesópolis, Cananéia, Miracatu e Pariquera-Açú; e também no Estado do Rio de Janeiro, nas cidades de Parati e Angra dos Reis.

42. PIMENTEL, Spency et al. *op. cit.*, 2013, s.n.

43. OLIVEIRA, Robson da Silva, PAPALI, Maria Aparecida e GOMES, Cilene. Cotidiano, cultura e resistência: Terra Indígena Guarani do Pico do Jaraguá-SP. *Cadernos do CEOM*, Chapecó (SC), v.34, n.54, jun/2021, p. 247.

44. Entrevista com Sônia Ara Mirim para Giulio Michelino em 2019.

organizações criminosas, descartes de entulho e a expansão da urbanização vêm devastando drasticamente a Mata Atlântica das zonas Leste, Oeste, Norte e Sul do município de São Paulo.

O dossiê do vereador Gilberto Natalini denuncia, de um lado, a derrubada de 500 mil árvores em 90 áreas dentro do município e, de outro, a omissão das autoridades municipais e dos poderes públicos.⁴⁵ A liderança Geni Vidal da Tekoa Itakupe alertou para a dificuldade de preservar a mata:

Tem muitas árvores que foram derrubadas que nossos antepassados usavam para fazer ritual, para fazer remédio para as mulheres grávidas e crianças. Rituais para cerimônias de árvores que davam vida. Como nós seremos humanos, as árvores têm vida. Nosso calendário, em agosto começam a reviver, no nosso Ano Novo, florescem, dão frutas.⁴⁶



Fig. 21. Milho (*avaxi*).

45. NATALINI, Gilberto. *A devastação da Mata Atlântica no Município de São Paulo*. Dossiê, agosto de 2019.

46. OLIVEIRA, Caroline. Brasil de Fato, 6 de fevereiro de 2020. <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/06/guarani-impedem-acao-de-construtora-que-quer-fazer-5-predios-no-pico-do-jaragua-em-sp> Acesso em 2 de setembro.

Somos *Ka'aguy puru ey*. Estamos em perigo

Sou a selva, e fiquei sabendo que empresas estão avançando com máquinas poderosas para nos domesticar. Estão trazendo o gado, a soja, a cana-de-açúcar, o eucalipto e tudo o que há de monocultura. Essas empresas só querem saber daquilo que é mais fácil de dominar, mais fácil de controlar. Como não têm tempo para escutar nossos ensinamentos, e como não têm respeito, estamos em perigo. Querem nos destruir pretendendo acabar com nossos segredos e mistérios.

Vou dar uma dica para todo mundo.

Escutem as florestas com muito respeito.⁴⁷

Observando milenarmente o crescimento de bromélias, árvores e diferentes tipos de plantas, observando as estrelas, as fases da lua e o desabrochar das flores alinhadas com o sol, é que extraímos nosso conhecimento.⁴⁸



47. Depoimento de Timóteo Silva Vera Tupã Popygua, liderança Guarani Mbya do Tekoa Takuari. In: COELHO, *op. cit.*, s.d., p.28.

48. *idem*, p.3.

Nossos antepassados conversaram com as plantas e descobriram o nome delas. Temos o *Kuri'y* (araucária, pinheiro do Paraná) e dele tiramos o *Kuria* (pinhão) e o nó de pinho que também serve para fazer o melhor *petyngua* (cachimbo). Temos *Takua'i* (taquara mansa) que é uma taquarinha boa para nossa arte, principalmente para os *Ajaka* (cestos). A *Takua'i* também é boa para a cobertura das casas, junto com a fibra da *Yvyra rirã yvaju* (árvore Embira). E tudo é preparado com muito cuidado, do jeito certo, no tempo certo.⁴⁹



Fig. 22. Guaricanga.

49. *idem*, p. 54.

II. MODOS DE CONSTRUIR: TÉCNICAS, MATERIAIS E PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS

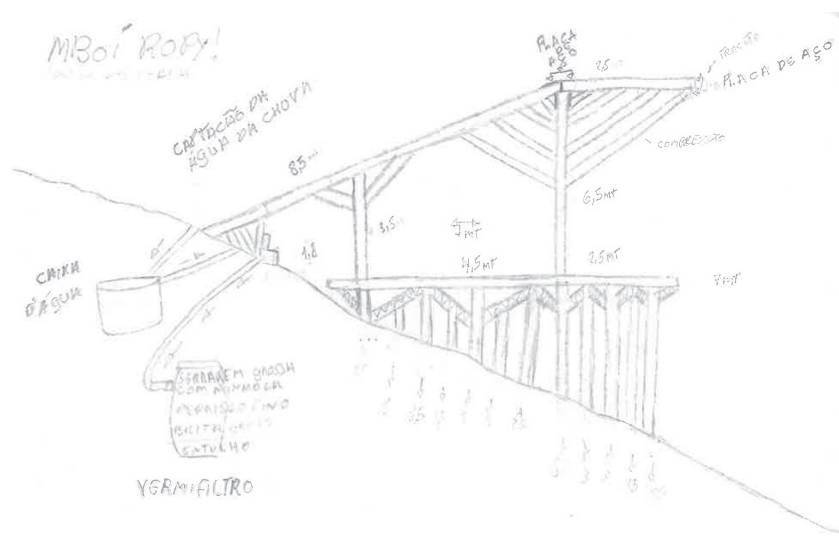


Fig. 23. Corte de casa, projeto e desenho de Thiago Henrique Karai Djekupe

Somos Guarani Mbya e nosso território é nossa morada e nosso futuro, nosso *Tenondé Porã*, nossa esperança. Nossa *tekoa* (morada, aldeia, comunidade, território) é nossa raiz e nossa semente.⁵⁰

Mudanças significativas nos padrões construtivos de moradia guarani ocorreram com o impacto da colonização e de seus agentes, num contato longo por mais de quinhentos anos. Assim, as origens e formas construtivas da “casa tradicional” são elementos difíceis de capturar. No entanto, se o conceito de “tradição” se refere a um acervo cultural e simbólico, ancorado na cosmologia, que, longe de ser congelado no passado, é criativo, dinâmico e em permanente transformação, essa não é uma questão para esta breve exposição. Se a cultura é “um processo dinâmico de reinvenção contínua de tradições e significados”, como pontua Omar Thomaz,⁵¹ a “casa tradicional” configura uma negociação constante na própria definição de tradição por parte dos Guarani.

Nesta pequena e breve exposição sobre os modos de construir guarani no território do Jaraguá, os limites entre o “tradicional” e o “contemporâneo” serão mobilizados apenas com efeitos de distinguir modos de construir como os antigos faziam, como era em outros territórios, e as construções atuais. Nos ateremos aos significados e assuntos mobilizados por nossos interlocutores, reconhecendo que o tema não se esgota nesta exposição nem pretende fazê-lo. O que nos parece essencial, e que está colocado nos temas que aparecem a seguir, é a profunda conexão entre modos de construir e território, disponibilidade de materiais da mata e os ciclos comunitários dos Guarani. O conteúdo reunido aqui pretende o registro de histórias orais, técnicas, materiais e processos construtivos das aldeias – através

50. *idem*, p.15.

51. THOMAZ, Omar. A antropologia e o mundo. In: SILVA, Aracy Lopes da e GRUPIONI, Luís Doniseti (org.) *A Temática Indígena na Escola*, 4ª ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC; MARI: UNESCO, 2004, p. 439.

da articulação de alguns conhecimentos coletados em livros e das entrevistas realizadas com os construtores guarani mbya. É uma maneira de ampliar o alcance e reconhecer o patrimônio material e imaterial guarani, apontando caminhos para o presente e o futuro compartilhado entre as aldeias do Jaraguá.

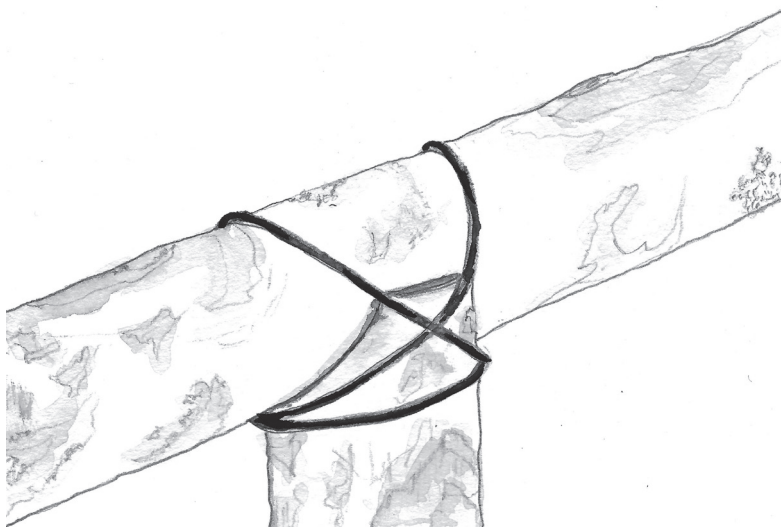
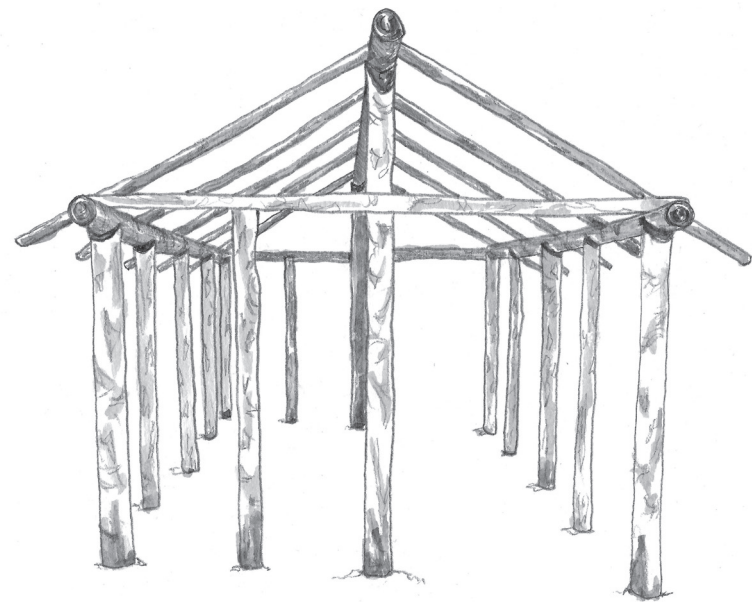
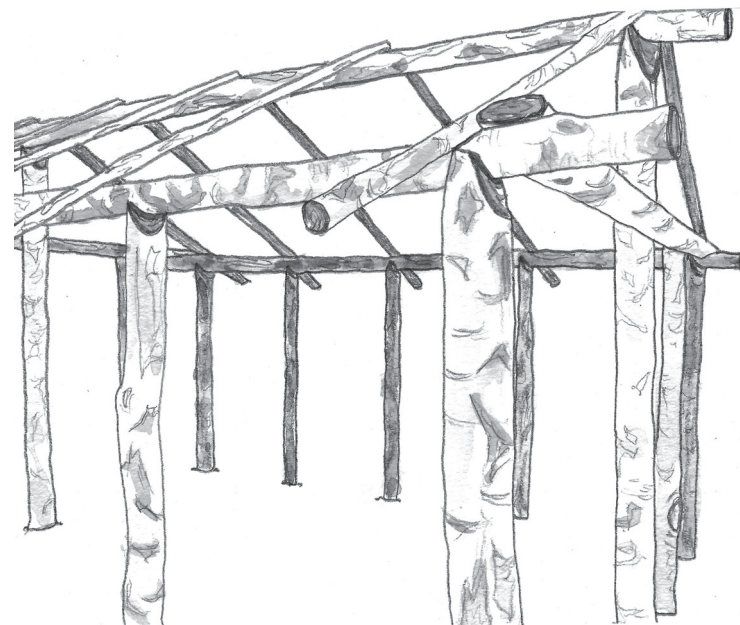


Fig. 24. Amarração.

Fig 25. e 26. Estrutura de casa.



5. Com os olhos no chão e no céu: o tempo para construir a *opy* e aspectos sagrados das construções

Os processos de construção da *opy* (“casa de reza”) e de plantação das roças estão intrinsecamente ligados ao território, aos ciclos naturais e às orientações espirituais. A *opy* ou casa de reza, a maior construção de um *tekoa*, é o centro da aldeia, em torno da qual as moradias se distribuem de modo assimétrico. “Ela é efetivamente o centro não geométrico do território”⁵²

O tempo de plantar e colher, o de caçar e esperar, o de batizar as crianças são realizados conforme o *Ara Pyau* (“tempo novo”) e o *Ara Ymã* (“tempo velho”). Como o *Xeramõi* Nelson da Aldeia Rio d’Areia – PR, a respeito dos dois tempos dos Guarani Mbya:

Agora, a partir de setembro, já começa o novo tempo para nós, conforme a nossa crença, o novo tempo [*Ara Pyau*]. Vai até o meio de março. Depois de meio de março, começa o velho tempo [*Ara Ymã*], que vai até o mês de julho. Aí, terminou agosto, já começa o novo tempo. Para nós, a partir de setembro tudo começa a mudar, a renovar-se. A brotação, a floração, depois vêm as flores e começam a dar bolotinhas das frutas. [...] Então, no velho tempo a gente deixa de plantar. Nós, como Guarani, sabemos que no velho tempo tem outro tipo de atividade que nós fazemos para não passar fome. Aí tem caça, a gente sai pra caçar no inverno, porque no inverno eles não procriam, terminou o inverno, a partir de agosto, o índio para de caçar, porque dentro do mês de

52. COSTA, Carlos Zibel. *O desenho cultural da Arquitetura Guarani*. Pós – Revista do Programa de Pós-Graduação Arquitetura e Urbanismo. FAU/ USP. São Paulo, n.4, p.113-130, dezembro de 1993, p.121.

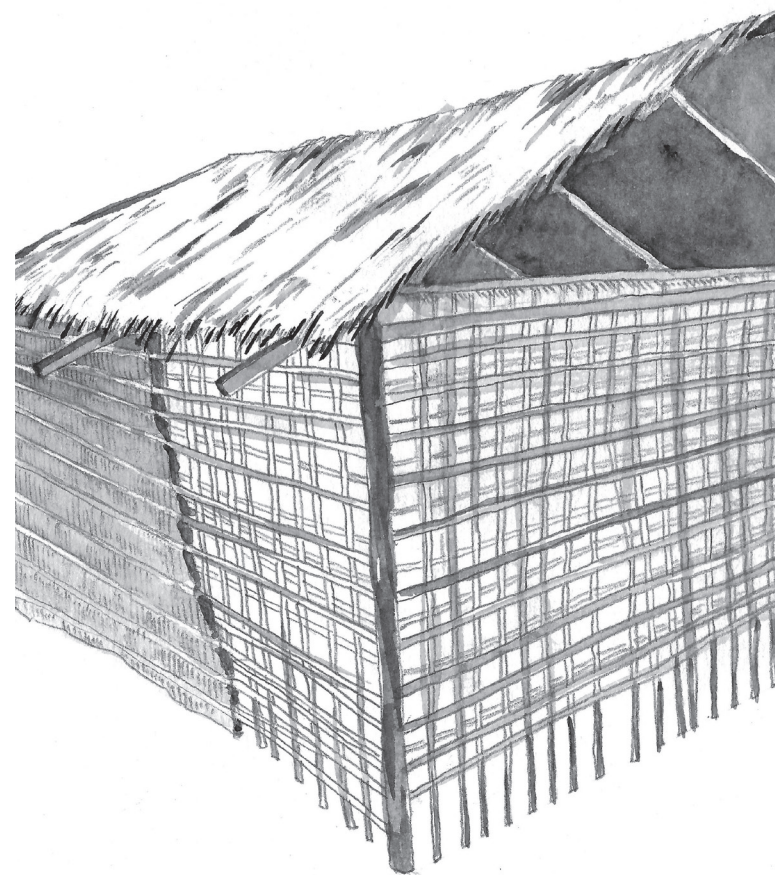


Fig. 27. Processo de construção da *opy*.



Fig. 28. Mulheres na *opy* durante cerimônia.

agosto os bichinhos começam a se acasalar. Aí já é proibido matar. Os próprios índios não matam, no caso pra não terminar e não chegar a extinção dos bichinhos. A partir de dezembro a janeiro, começa o novo trajeto da caça. Aí ninguém está reproduzindo mais, já parou o circuito de reprodução. A partir daí, já começa a caçar até chegar o meio de agosto. Aí agosto já para. Aí tem a pesca. A partir de setembro os índios começam a ir atrás de pesca, porque aí os peixes já começam a vir para fora para a gente pescar a partir de setembro, porque começam a cair aquelas frutas na água e os bichos já começam a vir. Então o tempo de pesca é esse tempo. Aí, a partir de fevereiro/março, os índios não pescam mais. O tempo de pesca parou. Nós temos o tempo da pesca, o tempo da caça, o tempo da colheita, o tempo da planta.⁵³

Para os Guarani Mbya, tanto a *opy*, a primeira construção de um *tekoa*, como as moradias tradicionais dependem dos materiais da Mata Atlântica e do conhecimento sobre os tempos e ciclos do *Ara Pyau* e do *Ara Ymã*.

A madeira estrutural da *opy* é o cedro – *ygary* –, ⁵⁴ que também é empregado em objetos rituais como o bastão de reza masculino, *yvyra'i*, no banquinho e no *amba'i* (altar). A madeira e a casca do *ygary* são vermelhas porque *kuaray* (sol) mora lá dentro. Ao tomar o chá de casca de *ygary*, o sol volta a brilhar no coração e volta a alegria. Quem corta um *ygary* vai fazendo a humanidade morrer por dentro. Quem planta um *ygary* traz muita energia para todo o *tekoa* e toda a Terra.⁵⁵

53. Entrevista com Xeramõi Nelson para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em 15 de agosto de 2022.

54. O cedro (*Cedrela fissilis*) é uma árvore frondosa encontrada em todo Brasil, principalmente na Mata Atlântica, que pode atingir 30 metros. Sua madeira é resistente a insetos, dura e tem longa durabilidade, além de ter uso medicinal.

55. COELHO, Antonio S. e Comunidade Guarani Mbya. *op. cit.*, s.d, p.56.

O cedro também é utilizado no batismo de *nhemongarai*, “batizar pessoa, dar um nome pra pessoa”.⁵⁶ O cedro é “classificado entre as madeiras sagradas, assim como *pindo* – palmeira, *yvyraovi*, *kurupika’y*, *gwapo’y*, *aju’y*, etc.; todas elas também utilizadas na produção do fogo”.⁵⁷

Além disso, o cedro e as outras essências arbóreas sagradas são designadas como *yvyra nhe’ery* – árvores do orvalho ou da palavra (CADOGAN, 1971). Quer dizer, árvores sagradas, pois gotejam seiva, gotas de orvalho, em épocas determinadas. Deve-se lembrar que essa seiva, sendo associada ao orvalho, passa a ter a natureza curadora e regeneradora deste que é uma das manifestações da divindade, Jacaira/Jesuca, extremamente benéfica para os guarani. Essa divindade se manifesta no mundo natural, além do orvalho e da seiva, através da neblina vivificante – *tataixna* – que inunda as terras guarani e corresponde no mundo da cultura à fumaça do cachimbo – *petyngua* – que é usado como elemento indispensável em todo o ritual, instrumento de cura e meditação e veículo de belas palavras do pajé.⁵⁸

Assim, tanto em termos do posicionamento da *opy* em direção ao leste como na própria materialidade da construção, os elementos sagrados, como o cedro e a fumaça do *petyngua*, facilitam a conexão com os ancestrais e com Nhanderu e elevam o potencial de concentração nas rezas, nos rituais e em outras cerimônias religiosas. Como diz Karai: “No meu tempo, dos meus jovens, eu via, eu me sentava com os mais velhos e perguntava, porque que tem que fazer isso e como tem que fazer.”⁵⁹

56. Entrevista com Karai para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em 3 de setembro de 2022.

57. COSTA, Carlos Zibel. *op. cit.*, 1993, pp.6 e 7.

58. *idem*, p.119.

59. Entrevista com Karai para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em 3 de setembro de 2022.



Fig. 29. *Opy* (Casa de Reza).

Fig. 30. Detalhe do barreamento da *opy*.

As construções guarani, feitas em regime de mutirão de grupos familiares, são excelentes oportunidades de transmitir os saberes de geração para geração. Elas têm como base a cosmologia, os conhecimentos gerados pelos mitos e rituais, as constelações, além daqueles transmitidos pelos *Xeramõi* (líder espiritual) em sonhos ou durante as rezas na *opy*.

Certas configurações líticas naturais como penhascos ou mesmo as ruínas de pedra das missões, são lembradas como marcas da divindade e locais da extremidade e fundação – *rapyta* – da terra. O mito de fundação do mundo diz que foram criados esteios terrestres – *rapyta* – de palmeira: a palmeira – *pindo* – intensamente usada, aliás, como estrutura da construção, que também se chama *ita*, passa a ter assim, função semântica similar à da pedra enquanto material construtivo.⁶⁰

A vegetação de floresta, a proximidade do rio e as marcas da presença divina em acidentes geográficos de pedra, tais como o Pico do Jaraguá, são elementos essenciais para a escolha do território da aldeia.

De acordo com a fala de Karai, a escolha do local de construção de uma *opy* depende do “*Xeramõi*, do espiritual, do pajé. Ele veio, no sonho dele que ele manda fazer qual o espaço, aonde vai ter espaço pra *opy*.” E continua: “tem que tá retinho pra onde o deus vem, o deus sol, da onde vai tá a cara pra lá, pro leste.”⁶¹ Ela é sempre construída no *Ara Pyau* (“tempo novo”).⁶²

Toda a orientação da *opy* é voltada para o leste, onde nasce o sol, com apenas uma porta de entrada. Antigamente, era

iluminada com cera de mel, que, segundo Karai, era “a nossa verdadeira luz”.⁶³ “A *opy* é feita onde o sol nasce, o *amba* (altar) é onde o sol (*kuarey*) coloca o seu raio. *Nhanderuwixa*, nossos dirigentes, vão rezar em frente ao lugar onde o sol nasce, dizem os líderes espirituais.”⁶⁴

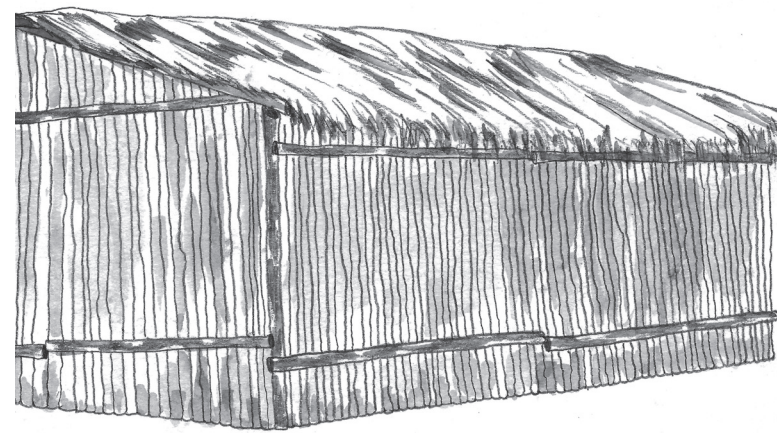


Fig. 31. Ilustração de técnica construtiva Guarani Mbya com madeira.

60. COSTA, Carlos Zibel. *op. cit.*, p.117.

61. Entrevista com Karai para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em 3 de setembro de 2022.

62. Entrevista com *Xeramõi* Nelson para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em 15 de agosto de 2022.

63. Entrevista com Karai para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em 3 de setembro de 2022.

64. LADEIRA, Maria Inês. *op. cit.*, 2008, p.166.

6. Aspectos arquitetônicos e variações tipológicas das moradias

Os Guarani vivem tradicionalmente em casas pequenas, com cobertura de duas águas, destacada das paredes, que tem uma pequena altura. As casas têm janelas, portas e varanda ou alpendre, às vezes isoladas da casa. Karai Jekupe, professor, construtor e morador do Tekoa Yvy Porã no Território Indígena Jaraguá, aprendeu a construir ajudando o tio e outros parentes e comenta sobre suas memórias das casas tradicionais.

Na nossa construção tradicional, a gente usa só o barro. Não tem necessidade de dar muita durabilidade para a casa por dois motivos: uma é essa tradição/opção de ficar sempre andando. Você mora num *tekoa* depois você vai e muda para outro *tekoa* e você vai indo fazendo essa mudança. A casa tradicional que eu tenho na memória que eu acho muito interessante tem o barreamento [com madeira por dentro que vai servir de base para colocar o barro] e a outra que eu acho muito bonita que não vai barro, só são varas de árvores de espessura de mais ou menos uns 5 cm, colocadas alinhadas, baixas, não tem janela e a porta é encaixada com varas também. Por exemplo, coloca duas madeiras embaixo e, à noite, quando vai dormir, você vai encaixando as varas até fechar ela todinha.⁶⁵

Karai Jekupe comenta que na casa tradicional feita de varas, ninguém consegue ver a porta de dentro nem de fora da casa. De manhã, as varas são retiradas. Segundo ele:

65. Entrevista de Karai Jekupe para Chão Coletivo, na Tekoa Pyau, em 13 de agosto de 2022.

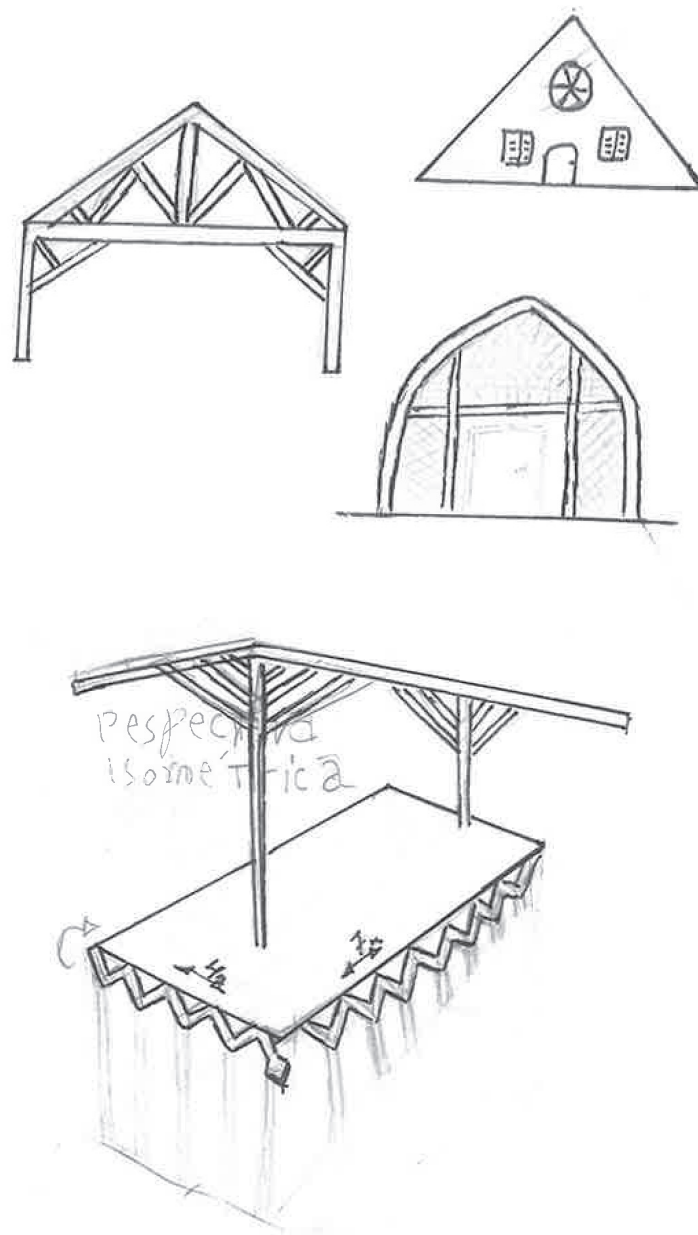


Fig. 32. Desenhos de Thiago Henrique Karai Djekupe.

Essas casas são voltadas para o lado leste, lado leste é onde nasce o sol. É interessante dizer que essas casas que eu falei não têm janelas, mesmo assim elas são viradas para o lado leste. Só que quando faz uma casa que dura mais, é feita com barreamento, aí ela tem uma abertura, uma porta e uma janela, mas sempre uma porta virada para o lado leste.⁶⁶

Na literatura algumas outras casas tradicionais são citadas feitas de *pindó*,⁶⁷ com configurações espaciais similares às das casas de barro e varas descritas por Karai Jekupe:

a casa de mais ou menos 16 m² é formada por um grande ambiente interno, sem divisórias, onde se faz o fogo (*tata*) no centro e as camas de esteio e esteira de palha (*nhimbê*) ficam posicionadas em torno da fogueira. A porta (*õkê*) é virada para o leste, e as dimensões originais seguem o tamanho da estatura dos guarani, até 1,80m com 0,60 m de largura. *Õkê* também é oferecido, em alguns casos, como a tradução em guarani para “dormir”, o que relaciona a função principal do espaço da casa no dia a dia, sendo o espaço externo às casas de realização de todas as atividades, exceto o descanso ao anoitecer e o abrigo do frio.⁶⁸

Ao longo do tempo essas dimensões e posicionamentos foram sendo alterados conforme a incorporação de outros elementos culturais nas casas e no dia a dia das aldeias: os armários para utensílios, a cozinha, a sala com sofá e a televisão, a energia elétrica e a necessidade de diferenciação entre os espaços de dormir

66. Entrevista com Karai Jekupe para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em 13 de agosto de 2022.

67. THURMAN, Letícia Prudente. *Arquitetura Mbyá Guarani na Mata Atlântica do Rio Grande do Sul: estudo de caso do Tekoa Nhüu Porã*. Dissertação (mestrado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UFRGS. Porto Alegre, 2007, p.106

68. THURMAN, Letícia. *idem*.

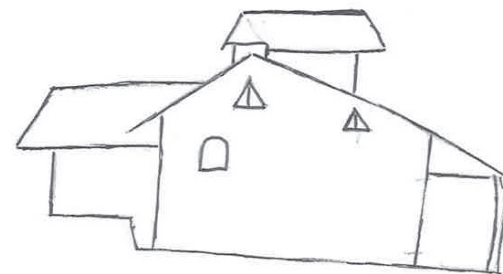


Fig. 33. Desenhos de Thiago Henrique Karai Djekupe.

Fig. 34. e 35. Casa Guarani Mbya com inovações técnicas e construtivas.

e comer dentro da casa. Nesse sentido, muitas outras tipologias foram incorporadas em diferentes aldeias ao redor do extenso território guarani, com especial destaque para as casas feitas por programas governamentais e ONGs, que, muitas vezes, não incorporam todos os elementos tradicionais da cultura.

Mas, seja qual for o tipo de construção a ser feita, Karai Jeku-pe chama atenção para a necessidade de pensar sempre na conexão cultural com a natureza e nos materiais disponíveis para a construção. As diferenças no modo de construir nas aldeias dependem, segundo ele, dos materiais disponíveis no *tekoa*, cuja organização espacial é igualitária e coletiva, e na consciência da negociação com o entorno natural.

Se você se conecta com a natureza, você fala, "eu preciso causar menos impacto", porque a gente causa impacto. A primeira coisa é isso: saber que a gente causa impacto. Não interessa se você é indígena ou não. Se você está inserido num lugar, a sua presença já é um impacto para a área. Então você se conectando vai percebendo como você causa menos impacto, tem essa consciência. [...] Não posso falar com certeza, mas essas duas construções que eu citei eu acho que é por causa dessa condição do material no momento e no ambiente em que estão. Algumas aldeias que tem materiais em abundância que você pode tirar para fazer construção de vara, então se faz a construção de vara. Agora, se tiver, por exemplo, lugar que tem pouco material como aqui, a gente opta por usar barro. A gente usa pouco material como árvores e mais barro.

As aldeias guarani são divididas tradicionalmente em três principais espaços, a área de mata (*ka'aguy*), as áreas de roça (*ko-cue*) e as áreas de moradias (*oga ou oó*) onde os núcleos familiares se distribuem assimetricamente, tendo a *opy* como centralidade (não necessariamente geográfica).⁶⁹ Atualmente, muitas aldeias não possuem muitas áreas de mata devido ao contínuo processo

de espoliação e desmatamento que sofreram em seus territórios, e espaços coletivos ligados à interlocução com o mundo *juruá* também compõem a sociabilidade cotidiana nas aldeias, como os postos de saúde, as escolas estaduais e municipais e os galpões comunitários e centros culturais.



Fig. 36. Casa na árvore. Desenho de Thiago Henrique Karai Djekupe.

69. THURMAN, Letícia. *idem*. p.87

7. Aspectos materiais

Karai sonha em ter uma casa tradicional e se lembrou da cobertura de sapê na cobertura das casas tradicionais, porque, diz ele, “a casa é bem fresquinha, protege do sol e da chuva, bem legalzinha, temperatura bem baixinha, pode tá sol quente, mas lá dentro é bem fresquinho”⁷⁰ As construções tradicionais guarani privilegiavam o uso de certos elementos vegetais coletados na Mata Atlântica que carregam aspectos sagrados importantes e são compatíveis com o clima tropical e subtropical comum nas regiões de seus territórios tradicionais.

Karai Jekupe explica que a madeira mais usada como pilastra era o pau-ferro, cortada três dias antes da lua nova ou na lua crescente. Caso a madeira não fosse cortada no tempo certo, ou seja, na lua cheia, “na lua minguante, a casa não aguenta, não dura nada”. O cedro também era usado como madeira estrutural para habitação, mas hoje, tendo em vista o desmatamento e a dificuldade de se encontrar madeira para a construção, ele é empregado apenas na edificação da *opy*. Com relação à materialidade das casas, diz ele:

O telhado usa guaricanga, um tipo de palmeira que tira as folhas e usa essa guaricanga que coloca em cima do telhado com duas caídas. Todas as construções guarani são de duas caídas, porque possibilita a água não empoçar em lugar nenhum. Ela vai bater na telha que é feita de material vegetal, de planta, de guaricanga, então ela vai escorrer.⁷¹

70. Entrevista com Karai para Chão Coletivo, na Tekoa Pyau, em 3 de setembro de 2022.

71. Entrevista com Karai Jekupe para Chão Coletivo, na Tekoa Pyau, em 13 de agosto de 2022.



Fig. 37. e 38. Detalhes de construção em madeira e terra.

Dentre os materiais sagrados mais utilizados pelos Guaraní para as construções tradicionais estão a madeira do cedro (*yary*) para os pilares, vigas e também no artesanato, sendo identificado como um elemento de proteção e cura, o cipó (*yxyypó*) para amarração das estruturas, a taquara mansa (*takuá etei*) para vedação das paredes ou cobertura.⁷² Também nas palavras de Egon Schaden, a parte da cobertura utiliza os vegetais explicados por Karai e Karai Jekupe.

As paredes (*korá*), feitas de pau-a-pique, de estacas ou de bambu rachado, raramente são barreadas (assim criam muitas baratas) e têm de ordinário um forro parcial de folhas de *djedjý* (guaricanga), *pindó* (palmeira) ou *djápé* (sapé). Para a cobertura (*djolá*), que repousa em sarrafos de tronco de palmeira ou de outro vegetal, servem também o *djedjý*, o *pindó* e o *djapé*.⁷³

No entanto, a invasão e a demarcação dos territórios indígenas por parte dos *juruá*, somadas à falta de materiais disponíveis na Mata Atlântica, resultaram em moradias construídas às pressas, improvisadas e descaracterizadas dos modelos tradicionais, feitas com materiais que não fazem parte da tradição indígena, como zinco, alumínio, telhas, restos de madeira, compensados, arames, pregos e parafusos, entre outros.

Então eu vi essas construções de qualquer jeito. Aí deu impacto! Com esse impacto de fazer casa com resto de coisa [...] você perde tudo, não se preocupava mais de fazer uma casa de duas caídas, uma caída só que era o que tinha, não tem esse negócio revirado mais para o leste. Impactou muito! As casas deixaram de ser de duas águas, sem direção definida, as janelas foram incorporadas e o espaço da roça nem sempre

72. THURMAN, Leticia. *op.cit.* p. 115-120

73. SCHADEN, Egon. Aspectos fundamentais da cultura guarani, 3ª edição, São Paulo: Edusp, 1974, p. 25



Fig. 39. Cedro

esteve garantido para a comunidade. Então na Yvy Porã a gente quer ser uma referência de construção tradicional, mas que use também coisas contemporâneas, com telhas ecológicas, fossas ou biodigestor ou de tratamento de raiz. São todas coisas novas. Como eu disse, é tudo adaptação agora.⁷⁴

Com o crescente desmatamento da Mata Atlântica, os Guarani Mbya enfrentam a falta de material para suas construções. “Depois, com o tempo, eu vi que a população foi aumentando, conflitos de terra e as pessoas não podendo mais tirar material da mata, e a mata acabando, a Mata Atlântica tá acabando”⁷⁵ Grande conhecedor das espécies da Mata Atlântica, Karai explica:

A árvore todo mundo sabe que é mato, é tudo mato, entrou ali é natureza, entrou ali vai embora, só que cada árvore tem nome, é isso que eu tento falar pros jovens, para não cortar madeira do jeito que eles querem, pra não quebrar galho, porque cada árvore que você vê na frente tem espírito, na hora de você cortar você tem que pedir para o dono da natureza, assim que eu vi, eu vivi assim, vivendo e aprendendo. Quando a árvore seca, você vê na Mata Atlântica, você vê uma árvore seca, porque não tem mais espírito, aí já pode cortar pra lenha.⁷⁶

O *Xeramõi* Miguel Benites, do Tekoa Itaxim Mirim (Parati/RJ), comenta: “Hoje em dia já mudou tudo, não podemos tirar materiais da mata, porque os não indígenas falam que eles são donos das terras e que nós somos invasores. Essa terra que nós pisamos é nossa porque Nhanderu criou para nós indígenas, para os animais e para todos os seres vivos”.

74. *Idem*.

75. Entrevista com Karai Jekupe para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em 13 de agosto de 2022.

76. Entrevista com Karai para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em 3 de setembro de 2022.

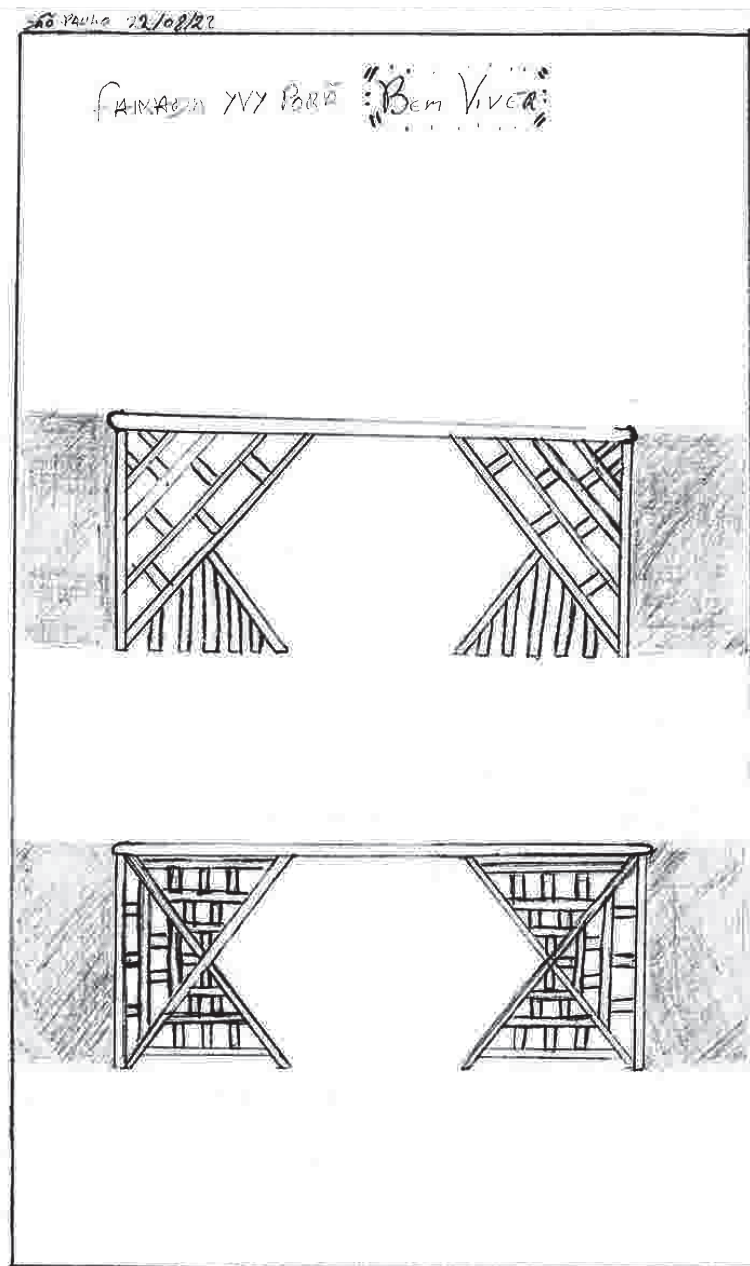


Fig. 40. Desenhos de Thiago Henrique Karai Djekupe.

Sem perder o sentido de beleza presente nas moradias tradicionais, Karai Jekupe construiu uma casa para morar com sua família na Yvy Porã, na qual incorporou novos materiais e novas técnicas construtivas. Diz ele:

A minha casa eu inovei, só que eu usei mais madeira, como o eucalipto, porque o objetivo é mostrar como faz uma casa tradicional com material como árvore, só que não dá para ficar tirando árvore, ainda mais no nosso contexto agora, que é contexto urbano, tem pouca mata, então a gente optou por substituir a madeira nativa por eucalipto. Foram eucaliptos e materiais da mata que eu usei, alguns bambus, porque a mata não oferece mais essa condição. O resto eu substituí.⁷⁷

Além da incorporação do eucalipto como madeira na construção, uma vez que não há mais madeira nativa disponível na Mata Atlântica, Karai Jekupe, num gesto inovador, fez uso de tintas nas paredes de sua moradia. Segundo ele,

No tradicional antigo, os Guarani antigos usam muito dois tipos de pintura: o urucum e o jenipapo, que são tintas naturais. E tem uma folha que eu aprendi agora, recente, eu não sabia, que é uma folha grande assim, que você pega macera e ela faz uma tinta vermelha e tem outras que também soltam tinta azul, é a seiva. O açafraão tem uma tinta mais ou menos alaranjada, meio bege, então você faz essas misturas de tinta para pintar, por exemplo, um tecido. Só que aí, com o tempo, a gente descobriu que misturando com terra você dá uma cor diferente do que tem no natural. Você mistura uma terra com açafraão e urucum, aí já dá uma cor difícil de encontrar na natureza, se você misturar. Aí você coloca na parede para fazer essas tinturas. Não é de uso tradicional guarani, mas é o que

77. Entrevista de Karai Jekupe para Chão Coletivo, na Tekoa Pyau, em 13 de agosto de 2022.



Fig. 41. e 42. *Opy* e detalhe de construção.

a gente vai inovando, porque não tem essa necessidade também de pintura. Você pintava mais o tecido, porque não tinha necessidade de pintar a parede, porque a própria terra já tem a sua cor: mais argilosa vai ficar clarinha, se você pegar uma terra que é vermelha, então ela vai ficar com a cor bem vermelha. A referência do tecido é de outras aldeias, sempre tem esse intercâmbio. Com outras aldeias a gente aprendeu a tingir tecido e a parede também.⁷⁸

A questão da durabilidade das construções também aparece como um fator de mudança das técnicas construtivas dos Guarani Mbya. Como explica Karai Jekupe, como tudo era terra indígena no passado, “tudo era terra nossa”, os *tekoas* mudavam frequentemente de lugar. Com a invasão e a demarcação das terras, as aldeias se fixaram no território e, por isso, há a necessidade de que as casas sejam duráveis.

Começou a ter um impacto muito grande com essa condição de ter construção que você não muda mais da aldeia, do *tekoa*. Você fica lá e vai ficar sempre. Você tem a necessidade de fazer uma casa tradicional que ela dure. Aí a gente teve que aprender a fazer misturas, e uma das misturas, que já existe em outros povos, principalmente os povos do Nordeste, que é misturar com capim, misturar com algum tipo de vegetal que ela cria liga, que não faz com que o barro solte. Então o barro vai ficar fixado ali. A durabilidade é maior, ela não vai rachar. E tem as técnicas também de recobrir de novo, acabar com as fissuras. Então a gente aprendeu isso também, eu aprendi, né? E a gente acha que isso é mais perto da nossa construção do que, por exemplo, uma casa de alvenaria, que não faz parte da cultura, faz mal para o meio ambiente e todas essas coisas.⁷⁹

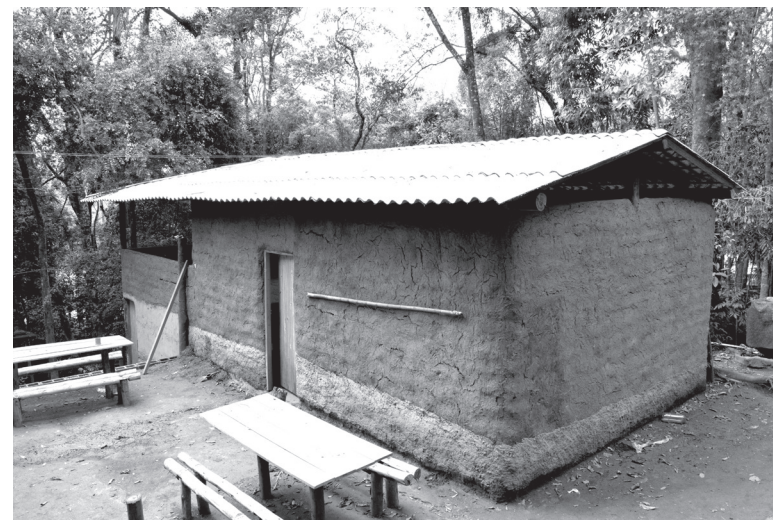


Fig. 43. e 44. Duas casas contemporâneas na Terra Indígena Jaraguá.

78. *Idem.*

79. *Idem.*

III. ENTREVISTAS

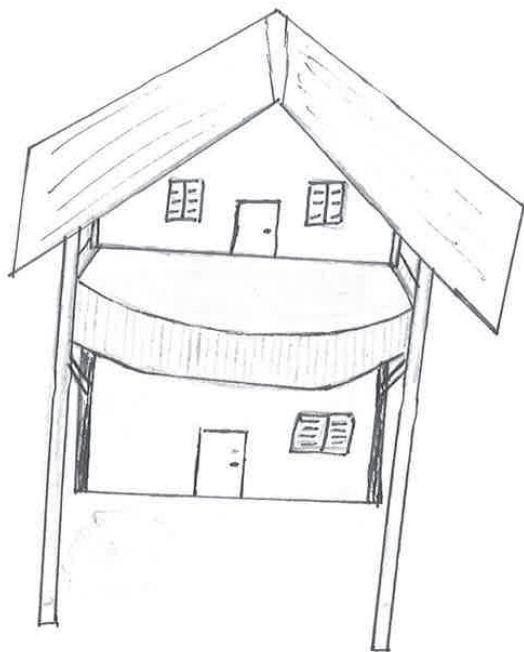


Fig. 45. Desenho de Thiago Henrique Karai Djekupe.

Território e Cosmologia

Xeramõi Nelson

Tekoa Rio Areia, 13.08.2022

Chão Coletivo: Nelson, se o senhor puder falar um pouco sobre você, o seu nome, onde você nasceu e sua história.

Nelson: Meu nome é Nelson, sou natural de Laranjeiras do Sul, do Paraná. Vou fazer 68 em 22 de março.

C: E o senhor nasceu em uma aldeia? Ou nasceu fora da aldeia?

N: Fora da aldeia. Na verdade a minha mãe é paraguaia. Meu pai é Guarani Mbya do Brasil. Então eu tenho dupla nacionalidade. Eu falo o português, português não tão bem. Eu falo bem Mbya, a língua Mbya Guarani, também domino até agora a língua paraguaia, o guarani paraguaio.

C: Com quantos anos o senhor foi para a aldeia?

N: Eu fui para a aldeia quando tinha 18 anos. Aí eu não saí mais. Depois de 18 anos, entrei para ficar, quando a minha irmã casou. Depois de cinco anos casei, aí nunca mais saí. Me “arrai-zei”, como dizem, na aldeia.

C: E o senhor conseguiria explicar pra gente qual é a diferença de morar numa aldeia guarani mbya? Como foi para o senhor ir para a aldeia e como é a cultura guarani nesse sentido de estar dentro de uma aldeia, dentro de um território?

N: Na aldeia você vive livremente. Você trabalha e vive como você quer. Se não quer trabalhar amanhã, a vontade é sua. Se você morar fora já é bem diferente, porque todo dia tem que trabalhar para se manter. Os fazendeiros têm que trabalhar todo dia para você trazer o que precisa para vir para casa. Na aldeia já é diferente, você trabalha, faz as plantações e roças, lá é da gente. Fora você não pode fazer isso.

C: Como que é a plantação? Vocês plantam o ano inteiro?

N: Tem a época de plantar, tem a época de colher.

C: Isso é junto com o tempo da natureza também?

N: A gente segue conforme a natureza. O índio sabe quando faz a plantação, quando é preparado o solo para ser plantado, quando chega a colheita. Desde o início, o Guarani Mbya tem dois tempos. Agora, a partir de setembro, já começa o novo tempo para nós, conforme a nossa crença, o novo tempo. Vai até meio de março. Depois de meio de março, começa o velho tempo, que vai até o mês de julho. Aí, terminou agosto, já começa o novo tempo. Para nós, a partir de setembro, tudo começa a mudar, a renovar. A brotação, a floração, depois vêm as flores, as flores começam a dar bolotinha das frutas. Então, pra gente tem dois tempos: o velho tempo e o novo tempo. No velho tempo, a gente deixa de plantar. Nós, como Guarani, sabemos que no velho tempo tem outro tipo de atividade que nós fazemos pra não passar fome. Aí tem caça, a gente sai pra caçar no inverno, porque no inverno eles não procriam. Terminou o inverno, a partir de agosto, o índio para de caçar, porque dentro do mês de agosto os bichinhos já começam a se acasalar. Aí já é proibido matar. Os próprios índios não matam, no caso pra não terminar e não chegar a extinção dos bichinhos. De dezembro a janeiro já começa o novo trajeto da caça. Aí ninguém está reproduzindo mais, já parou o círculo de reprodução. A partir daí, já começamos a caçar até chegar o meio de agosto. Aí, agosto, já para e tem a pesca. A partir de setembro, os índios começam a ir atrás da pesca, porque aí os peixes já começam a vir para fora, para a gente pescar a partir de setembro. Já começam a cair aquelas frutas na água e os bichos já começam a vir. Então, o tempo da pesca é esse tempo. A partir de fevereiro/março os índios já não pescam mais. O tempo de pesca parou. Nós temos o tempo da pesca, o tempo da caça, o tempo da colheita, o tempo da planta. Então, os Guarani seguiam tudo, seguiam, mas hoje a gente não segue mais.

C: Tem um tempo para fazer casa também? Ou para mudar de aldeia?

N: O tempo de fazer casa não tem, mas o tempo de fazer a casa de reza tem, porque esse é o tempo principal das coisas,



né? O tempo de fazer a casa de reza, porque, conforme o novo tempo, o índio sabe que no novo tempo, na nossa crença, deus abriu a porta. Então deus abriu a porta a partir de agosto para atender a criação dele. Ali é o novo tempo. A partir de março, para nós, na nossa crença, deus fecha a porta, porque começou a esfriar, aí já vem a geada. No tempo da geada, os Guarani, antigamente, não faziam encontro cerimonial. Ali parava tudo. Só no caso de muita emergência o pajé levantava para fazer sua cerimônia, mas no inverno não se fazia. Então, a partir de setembro, começa a fazer a casa de reza, porque ali é o novo tempo. O pajé é muito respeitado quando diz: "Hoje eu vou começar a fazer isso". Nós temos que fazer tudo dentro de uma lua, porque nós chamávamos por lua, não por mês. Dentro de uma lua nós temos que deixar pronto isso aqui, porque deus quer que seja feito assim. Então todo mundo se reúne para fazer a casa de reza, começando em setembro e, no final de setembro, já tá pronto. Quando a casa de reza fica pronta, já começa também o batismo de erva-mate. E esse é o primeiro, para agradecer tudo que começa a brotar: a renovação das matas, das florestas, tudo. A partir de setembro começa. Para nós, é o novo tempo, já começou o novo, porque o velho já foi, já começa a renovação, do capim, das gramas. Então ali a gente já começa a fazer a casa de reza pronta e já começa o batismo, agradecer o ciclo que passou, e também pedir abundância para o próximo. Os antigos se comunicavam muito com deus, que revelava, falava com ele no sonho, em sonho, às vezes não. Deus fala com ele, diz: "Você fica durante quatro anos nesse lugar". Aí você fica durante quatro anos, vai ficando o culto religioso ali, fazendo o seu trabalho. Depois de quatro anos, deus fala: "Não, agora você, daqui você muda sua aldeia para tal lugar." Aí, durante aquele tempo, ele pega suas trouxinhas e vai embora. Durante o trajeto, durante o caminho, ele já vai se comunicando com deus. Em certo lugar, deus fala assim: "Agora você acampa aqui. Você começa a fazer sua aldeia aqui". Então assim que é. E os índios não caminhavam assim pela estrada, eles acompanhavam conforme a constelação da estrela. Esse é o caminho que os Guarani antigos seguiam.

Não seguiam pelo asfalto, não seguiam por onde a estrada estava boa, não é assim. Nós, Guarani antigos, nós considerávamos a constelação que aparece. Seguíamos conforme aquilo pra alcançar a terra sem mal, no caso o reino de deus, porque os Guarani antigos sempre procuravam isso. Procuravam alcançar onde tá deus. Eles não andavam à toa, não andavam como hoje. Hoje, nós vamos lá para São Paulo, lá pro Rio de Janeiro, ou lá pro Paraná, não é assim. Deus mostrava e dizia: "Não, você vai ter que seguir esse caminho pra chegar aonde tá deus". Então ele acompanhava, a finalidade dele tá junto com o pai. Era assim que os guarani andavam. Mas hoje já não fazemos mais isso.

C: Além dessa comunicação com Nhanderu, como se estabeleceu um *tekoa*? O que faz um *tekoa* ser *tekoa*?

N: Porque o *tekoa*, hoje, a gente não tem mais aquele espírito de decidir esse caminho que nós seguíamos antes, porque o próprio pajé não tem mais comunicação, como antigamente, direta com deus. Deus formou essa terra para seus filhos viverem. No caso, nós consideramos que essa terra é nossa mãe, porque se nós morrermos, vamos ter que virar pó, porque do pó é feito nosso corpo, ao qual nós vamos retornar. Mas o nosso espírito verdadeiro sempre vai pra onde está deus. Então, hoje nós formamos *tekoa* porque não temos mais a liberdade de andar e de fazer outro acampamento lá. Se nós fizermos isso, é capaz de apanharmos da polícia federal, dessas coisas. Se fizer outra aldeia lá, pra baixo daquele pico ali, se eu fizer isso, com certeza o guarda ambiental vai ali, vai me surrar, vai me chutar tudo. Por causa disso, nós não temos mais a liberdade do nosso andar, então, temos que formar uma aldeia conforme a legislação, conforme a lei que hoje existe. Temos que pedir para a Funai e pedir para falar com o Governo do Estado, com o ministro, fazer documento, temos que invadir, até é perigoso sermos massacrados, mesmo que essa terra pertença ao povo indígena. Nós estamos brigando por aquilo que é nosso. Não é mais como antigamente. Por essa razão, nós temos que formar uma aldeia para poder morar, para poder ter onde dormirmos tranquilos. Antigamente eu dizia: "vamos por aqui." Em tal lugar, nós

fazíamos nosso acampamento, nossa aldeia, até deus nos deixar morar ali. Depois deus falava: “Não, daqui vocês vão ter que ir”. Então nós deixávamos essa aldeia, nós íamos para lá e não ficava ninguém aqui na aldeia, nós íamos embora, formar outra aldeia, em outro lugar, e ficávamos durante três, quatro anos. Era assim. Mas, hoje, já não é mais assim. Então somos obrigados a montar um *tekoa*, uma aldeia, para podermos dormir tranquilos. Se não, se eu pegar minhas coisas e for dormir lá em cima, ou for fazer foguinho lá, capaz de eu ir para a cadeia. A aldeia faz com que o povo guarani tenha sua liberdade para onde ir.

C: O que o senhor considera importante para viver bem num *tekoa* hoje, apesar de tudo isso?

N: Hoje, para nós, no caso para mim, a gente já está acompanhando a tecnologia. Então, tem que ter estrutura, tem que ter uma casa boa, porque, se eu dormir no relento, a gente já é frágil, né? Não é como antigamente. Qualquer vento eu já preciso de roupa, já preciso de coberta, preciso disso, preciso daquilo. Se eu tenho tudo, eu vivo bem. Mas, se eu vivesse como antigamente, como era antes, com certeza o frio me matava. Para nós vivermos bem precisamos ter uma aldeia, precisa de estrutura, mas também precisamos de algum recurso que venha pra dentro pra ser melhorado. Então, pra tudo isso precisamos do não índio, a gente já está acompanhando conforme a mudança dele, já está deixando a nossa origem para nós podermos sobreviver e viver bem. Já precisamos de comida, precisamos comprar, ir para o mercado, precisamos de dinheiro. Antigamente não, nós comíamos tudo natural. Hoje, se eu plantar aqui, já não dá. Eu tenho que comprar agrotóxico e veneno, para poder limpar. Antigamente, a pessoa roçava ali, queimava e, no caso aquele capim, não vinha. Só plantava milho. Era toda uma facilidade para o índio fazer o seu sustento. Hoje não, tem que comprar, ter dinheiro, se não tiver é mais difícil. A gente já precisa de tudo hoje. Então, se nós conseguirmos tudo que precisamos do governo do estado, federal, do próprio presidente, aí a gente vive bem. Mesmo vivendo bem, é difícil esquecermos da nossa língua que é o Mbya, mas se deixarmos de falar o Mbya consideram que não somos mais índios.



C: Nós gostaríamos de saber o que seria bom de ter na aldeia em termos espirituais para manter a aldeia protegida. Se o senhor pensa em algumas plantas para isso. O que poderia ter, pensando aqui na Pyau, em termos de proteção da aldeia? Teria alguma coisa que o senhor recomendaria? Nas casas?

N: Para proteção dessa aldeia precisa de uma casa de reza, que seja respeitada. Então o próprio Guarani considera essa casa de reza como ponto referencial, onde ele se comunica com deus, porque a gente pede que deus proteja a aldeia onde a gente vive e convive. E também a estrutura. Hoje, a gente já precisa mais de estrutura de casa boa, porque a gente vê essas casinhas precárias. E isso faz mal para a saúde, não faz bem para o ser humano. Precisa de água potável, água tratada, água boa. Antigamente, a gente não precisava disso, porque tinha água sem cloro que corria pelo mato. Isso a gente usava. Hoje já não, a gente precisa de água tratada, a gente precisa de água boa e casas boas, tudo bem estruturadinho, onde a gente possa se recolher, dormir. O principal é a casa de reza, onde a gente sempre, à noite, fala com deus, faz a cerimônia, pede para deus que proteja a aldeia, dos pequenos até os mais velhos. E que deus dê sabedoria para o líder, para a liderança, para os caciques, para ele poder reivindicar o direito nosso perante as autoridades não indígenas. Isso precisa e a gente sempre faz.

Construção e Cosmologia

Karai, liderança espiritual da Terra Indígena Jaraguá.
Tekoa Pyau, 03.10.2022

Karai: Olá, bom dia, meu nome indígena é Karai, meu nome verdadeiro que Nhanderu deixou pra mim. E eu estou aqui falando um pouquinho da aldeia, do Tekoa Pyau. Importante que eu estou aqui pra responder algumas coisas, as perguntas de vocês. Então estou me apresentando um pouquinho aqui, *ha'evete*.

Chão Coletivo: *Ha'evete*. Gostaria de saber, Karai, o que você considera uma construção tradicional?

K: Então, é meu sonho ter uma casa tradicional, dentro do *tekoa*. Antigamente os nossos antepassados viviam em casa tradicional mesmo, só que hoje, como a gente mora em São Paulo, dificilmente a gente conseguiria matéria-prima, isso é mais difícil. Mas eu sonho até hoje em ter uma casa tradicional. Não é muito, mas é por ter um espaço para ficar com a minha família. Como eu faço parte do espiritual, uma casa tradicional era bem-vinda, se a gente conseguisse.

C: Que tipo de casa tradicional você conhece?

K: Olha, tem vários tipos de casa tradicional. Nossa casa guarani mbya, é uma casa que não é redonda, é uma casa igual a casa de reza. Toda casa do povo guarani indígena mbya, tem sempre uma casa do estilo da casa de reza.

C: Com que materiais?

K: Materiais de sapê. Sapê era tradicional e folha de palmeira também, bem feitinho, isso que a gente vê. Eu vi do meu crescimento os mais velhos, mandando fazer as casas para os mais jovens, pra eles aprenderem também. Eu aprendi muita coisa com os mais velhos e até hoje eu tenho guardado na memória. Às vezes, eu vejo uma casinha tradicional e fico pensando, se a

gente tivesse uma casa dentro do *tekoa* do Jaraguá seria maravilhoso, porque você teria como mostrar que tem pessoas do Jaraguá que moram em uma casa tradicional. Hoje, infelizmente, não é fácil de encontrar, mas não é difícil também, é só correr atrás que, com certeza, a gente conseguiria.

C: Que tipo de madeira que era usada nessas casas tradicionais para fazer a estrutura?

K: A madeira, madeira mesmo, da natureza. Só que a gente depende do dia e do mês, depende da lua que a gente faz as casas. A gente não pensa assim: já cortar e já fazer. Tem que deixar secar uma madeira.

C: Por muito tempo?

K: Depende da lua, se for fazer na lua nova sabe que uma casa não vai aguentar. Tem que fazer uma casa na lua cheia, na lua minguante, e aí começa nosso trabalho de fazer uma casinha para a pessoa, quando a gente precisa fazer.

C: E quem construíram as casas? Era um mutirão?

K: Sim, mutirão mesmo. Por exemplo, uma casa que vai ser igual à casa de reza, ali tem que fazer mutirão para fazer pelo menos três. Uma só pessoa trabalhando numa casa, leva dois, três, quatro meses. Então, a gente juntando os familiares, o mutirão, dentro de quinze dias já está pronta a casinha.

C: Quinze dias só?

K: Quinze dias. Porque é muita gente, ali senta, conversa, bate papo, brinca com os jovens, assim que nós aprendemos. Eu aprendi assim.

C: E você está pensando na estrutura de madeira com barreamento?

K: Com barreamento, exatamente.

C: É essa que é a casa tradicional?

K: É isso que a gente chama de casa tradicional.

C: Pensando um pouco na *opy*, como que se dá a escolha do lugar da casa de reza?

K: Escolha? Não sou que vou escolher. A escolha vai ser do *Xeramõi*, do líder espiritual, do pajé. Vindo no sonho dele, que ele diz qual o espaço, onde vai ter espaço pra *opy*. Tem que



estar retinho para onde o deus vem, o deus sol, onde vai estar a cara.

C: Pro leste?

K: Pro leste. Assim que nós fazíamos, porque às vezes o *Xeramõi* fala assim: "você não podem fazer do jeito que vocês querem fazer, porque estamos fazendo para Nhanderu." Isso que a gente aprendeu, eu aprendi assim. No meu tempo, eu sentava mais com os mais velhos, perguntava por que tem que fazer isso e como que tem que fazer. Então eu espero ver minhas crianças, meus netos, eu quero passar o conhecimento, isso que eu penso. Hoje eu faço isso, eu sento com as minhas famílias e sempre colocava alguma coisa pra eles, pra eles não se esquecerem da cultura.

C: E a primeira construção é da *opy* e depois a construção das casas?

K: Sim! A primeira construção é da *opy*, depois da *opy*, vai ser a construção das casas.

C: Esses materiais da *opy* são encontrados mesmo sem ter acesso à Mata Atlântica? Por exemplo, aqui já não tem mata, tem a mata do Parque, mas não pode retirar o material.

K: Sim, como aqui a gente tá em São Paulo, é difícil de você encontrar a cobertura, como a gente precisa de, por exemplo, quando você faz toda a caída e estrutura bem feitinha, pra você perfurar a madeira, a madeira tem que tá bem feitinha pra você trazer esse sapê pra fazer a cobertura. Aqui tinha há muitos anos atrás, cinco seis anos atrás, tinha lá na Aldeia do Sol Nascente, só que ali pegou fogo várias vezes, aí acabou. Antes a gente tinha uma casinha aqui de sapê, bem bonitinha, aí a escola, o turista vinha e entrava na casa, porque essa casa é bem fresquinha, protege o sol, a chuva, bem legalzinha, temperatura bem baixinha. pode tá sol quente, mas lá dentro é bem fresquinho.

C: E em toda casa usa o cedro como madeira?

K: Sim.

C:: Em todas elas?

K: Em todas elas, porque essa madeira, uma árvore sagrada

muito importante para nós e esse valioso que a gente tem pra nós, povo Guarani Mbya, ela usa pra todas coisa, né, pra fazer batismo de *nhemongarai*, batizar pessoa, dar um nome pra pessoa. Esse cedro era ouro pra nós, por isso que a gente não quer deixar as crianças assim, a gente mostra, porque hoje é tudo difícil pra você explicar pros jovens porque eles não têm conhecimento, porque árvore todo mundo sabe que é mato, é tudo mato. Entrou ali é natureza, entrou ali vai embora, só que cada árvore tem nome, é isso que eu tento falar pros jovens, para não cortar a madeira do jeito que eles querem, pra não quebrar o galho... porque a cada árvore que você vê na frente tem espírito. Na hora de você cortar você tem que pedir pro dono da natureza, assim que eu vi, eu vivi assim, vivendo e aprendendo, e é verdade. Quando a árvore seca, você vê na Mata Atlântica, você vê talvez uma árvore seca, porque não tem mais espírito, aí já pode cortar pra lenha.

C: Sei, o espírito já foi.

K: Já foi.

C: Uma coisa que chama muita atenção na *opy* é a iluminação, a luz que entra, se você puder falar um pouco... É tão linda aquela luz.

K: A luz, hoje a luz nossa é energia. Na *opy*, *opy* tradicional mesmo, a gente não usava essa luz, a gente usava cera de mel de abelha. Então essa iluminação ilumina bem clara também, bem clarinha também, e isso era nossa verdadeira luz.

C: E tem aquela entrada no alto, de luz que ilumina o altar ali?

K: Sim, mas ali, se a gente pensar direitinho, quando a luz chega do sol ou da lua e bate ali onde tá o altar, por isso, ali tá todo mundo o espírito da gente, todo mundo que entra na casa de reza, a casa sagrada, ali tá o espírito de vocês. Ninguém vê, mas se você acreditar, acreditar mesmo, você vai ver que o teu espírito tá ali, até o espírito do *Xeramõi* que já foi, do *Xaru* que já foi, todos os espírito tão lá protegendo o altar.

C: Queria entender melhor isso do mel que não entendi muito bem. Antes a *opy* era fechada sem abertura nenhuma, era isso? E colocavam a cera...

K: Na hora de cerimônia da *opy* você tira antes do mel aquela cera que ficou, imprimindo tira todo aquele mel. Aí vai ficar só a cera, você vai colocar ela no fogo e esperar ela derreter, depois vai vir a vela, igual a vela da cidade, nós fazíamos assim, como a *opy* era toda fechada. A casa de reza tá bem diferente agora, não era de duas porta, era uma só.

C: Você sabe falar por que dessa forma, por que a casa tradicional é de duas águas assim, mas a *opy* tem um círculo?

K: Nunca tem, mas hoje a gente faz.

C: Ah, não tinha?

K: Não tinha, porque *opy* é *opy* só, não esse negócio de puxada, é puxada pra cá... Mas a casa *opy* ela tem redondo mesmo. Se você quiser fazer isso, tem duas formas de você fazer, você não quer fazer o redondinho, se quiser fazer reta de duas caídas...

C: Mas o redondo não é tradicional, então?

K: Não é tradicional, não é tradicional, não. Isso aí, como a gente tem tecnologia diferente hoje...

C: Tem mais inventividade?

K: Não é por isso que a gente tá esquecendo da nossa *opy*, o espiritual sempre tá com a gente. Por isso que, quando a gente entra em uma casa de reza, eu sempre falo bastante sobre isso aí da cultura, que eu fico assim, quando eu vou na casa de reza eu me concentro bastante, eu vejo as coisas ali. E a maioria fala, a maioria pergunta: “O que você tá sentindo?”. Eles pensavam que eu tô pensando alguma coisa errada ali... não! Eu me concentro, pra isso existe *opy*. Não é assim. Eu, por exemplo, eu tenho missão pra cumprir, pra levar as coisas que eu aprendi. Todo mundo me chama de *Xeramõi*, eu sou espiritual, eu fico assim, na minha, pensando, colocando a minha cabeça, aí sempre eu falo pra minha esposa: “Eu não tô preparado”. Eu vou preparar quando deus mostrar o caminho que eu vou ter que fazer. Aí sim eu vou ficar preparado, assim que eu vejo em mim, eu fico em casa rezando, sempre fazendo oração por mim e pra todos, pra todos da comunidade. Assim que eu vivo hoje aqui na aldeia.



C: Com relação às reformas da *opy*, porque o barreamento tem um tempo de duração?

K: Sim, tem tempo. Como eu falei, dependendo da lua, se você colocar na lua nova o barreado ele fica um tempo, depois ele cai tudo. Quando você começar a trabalhar na minguate, na lua cheia, ele já dura mais, dura mais ou menos dois ou quatro anos, ele fica inteirinho.

C: E depois tem que fazer uma outra renovação?

K: Depois tem que fazer renovação um pouquinho, mas dificilmente cai tudo. Quando você começar a trabalhar com a lua nova cai tudo ali.

C: E vocês misturam alguma coisa no barro?

K: Não, só barro mesmo.

C: Pra fazer uma *opy*, quanto tempo leva mais ou menos?

K: Ali nós fizemos essa *opy* no tempo do *Xeramõi* José Fernandes.

C: É desse tempo?

K: Desse tempo. Nós fizemos em quase trinta dias ali, pra levar pra colocar a estrutura bem certinho. Como é pra casa de reza, a gente não pode fazer do jeito que a gente faz. Tem que fazer certinho, tem que acertar tudinho, a coluna, como é que vai ser tudo isso. Se a gente mandar pros jovens hoje, vão fazer do jeito que eles quiserem, não sabem ainda os jovens. Por isso que, quando a gente pensa na *opy*, já tem que ter mais três, quatro mais velhos pra ensinar os meninos como é que vai ser feito, assim que nós fizemos com a casa de reza.

C: Você acha que tem muitos meninos interessados em construção, aprender construção aqui na aldeia?

K: Com certeza, é só conversar com os jovens. Pra isso tem que ter algum líder, liderança pra sentar com os jovens e explicar como é que vai sair amanhã ou depois, pra eles concentrarem também. Isso que falta dentro da comunidade. Por exemplo, eu não paro, eu trabalho lá no centro, hoje tô de folga graças a deus, fiquei muito feliz também. Então, falta isso, a pessoa que conversa com os jovens, senta com os jovens, explica pros jovens o que que tem que acontecer pra semana que

vem, pra eles já pensarem. Mas os meninos são valentes mesmo, se a gente chamar, dizer pra eles “hoje a gente vai ter um trabalho todo mundo junto”, eles vão. Se nós falarmos assim, “nós temos lanche”, aí que vai todo mundo, assim que nós fazemos aqui na comunidade.

C: Tem alguma festa depois que se constrói uma casa de reza?

K: Sim. Para os não indígenas eles falam assim: "Ano Novo é janeiro". Mas para nós não, começa em agosto o nosso Ano Novo. Aí já começamos a cortar erva, batismo de ervas, assim que nós fazíamos, porque pra nós indígenas *mbya*, a gente não tem Ano Novo e Natal pra fazer festa não. Nós fazemos da nossa tradição, por exemplo, aqui já fizemos bastante, desde o começo de fundar uma aldeia, cortava a erva e já levava pra batizar a erva. Tem dois dias de festa nossa, aí tem a comida tradicional. A gente não come na hora de rezar a comida pesada, como se fala, arroz, feijão, carne, essas coisas. Quando a gente quer ir pra casa de reza, nós temos que tomar uma sopinha, alguma coisa assim leve, porque o espiritual fala que não podemos comer muito porque ali não é fácil você, com barriga cheia, ir fumar o *petyngua*, porque faz mal. Assim que eu aprendi. E eu já fiz também aqui, tem batismo de mel de *budjapé*, um bolo tradicional que já tem também mel, com *budjapé* também. Tem também a água sagrada, a água sagrada começa em janeiro, dia 25. Ali que a pessoa já vai com a intenção de ouvir o nome. Se quiser, por exemplo, vocês meninas, como vocês já fazem parte, o dia que vocês quiserem ouvir o nome verdadeiro como *nhande mbya*, nome em guarani, vindo esse mês com certeza vocês vão ganhar um nome. É o espiritual que vai dar, não é a pessoa normal que vai dar, vai ser o espiritual e a cerimônia que faz que vai dar nome pra vocês, por exemplo, Para, Ketu, Aua.

C: E eu acho que uma última pergunta, pensando agora nesse momento que nós estamos nessa aldeia, nas condições da aldeia, como você imagina construir uma casa pra você?

K: Olha, acho que eu ficaria feliz demais. Eu tava pensando na conversa que a gente teve, e aí que eu pensei, eu vim aqui

na minha casa e falei assim: “Poxa vida, pode fazer do jeito que quiser, mas eu queria uma casa tradicional pra mim”. Aí a minha família fala: “Poxa, podia a gente aproveitar a casa pra toda vida”, porque como eu sou indígena, como Nhandeva eu falo minha língua, eu danço, eu canto pro nosso *Xeramõi*... se eu tivesse uma casinha tradicional, ia ser maravilhoso pra mim.

C: Barreada...

K: Barreada, bem barreadinha, colocar uma portinha tradicional, vai ser ótimo pra mim.

C: Janela não?

K: Não. Janela eu vou precisar, mas vou ver ainda. Deixa meus parentes, meus vizinhos ter uma casinha boa, mas eu quero isso pra mim. Eu quero mostrar pra Nhanderu pra ele dizer assim: “Ô filho, graças a deus você conseguiu”. Eu sonho mesmo, eu não tenho sonho assim, casa de alvenaria fica bonitão lá, mostrar pra pessoa que eu sou isso... não. Eu sou indígena, pra que eu vou querer isso. Com certeza, se eu tiver uma casa aqui barreadinha, o pessoal vai olhar: “Olha, indígena alí, índio”, é assim que eu quero, eu quero ser chamado de indígena. Ó, quando eu faço palestra perguntam bastante essas coisas: “Você é indígena?”, “Sou”, “Então por que que tá colocando a roupa?”, porque eu falo assim: “A roupa hoje a gente tem que colocar”, se eu ficar hoje na frente de você nu, sem nada, você vai dizer: “O indígena tá bem doido, vamos chamar a polícia, bora pra cadeia”.

C: Que nem brasileiro quando vai pra outro país, deixa de ser brasileiro? Não! É uma bobagem.

K: Porque quando o descobrimento do Brasil, os indígenas tavam sem roupa, os portugueses vieram e trouxeram roupa e deram pros indígenas, colocaram tudo a roupinha bonitinha porque não querem ver nu. Agora que a gente tá vestido querem tirar a roupa.

Eu espero que o trabalho de vocês, e cada vez mais o fortalecimento de vocês, é bom demais a gente ter assim amigo parceiro que tá com a gente. Isso não sou eu dizendo, quem tá dizendo é deus que coloca alguma coisa pra vocês, pra vocês



pensarem com carinho. A comunidade hoje, a gente sofre bastante sem estrutura, sem água, muita aldeia precária, mas eu sempre falo: "um dia vai aparecer a pessoa que quer ajudar a gente". Com certeza, a gente vai ter alguma coisa, lá mais pra futuramente. Então, o que eu quero falar pra vocês, com certeza vocês tão aqui, sempre vocês tão com a gente, por isso que eu falo bastante, vocês já fazem parte da comunidade, eu acho que é importante isso. Apesar que não é a todos que a gente agrada, mas é importante vocês virem, pisar na terra que a gente pisa. É importante isso, ter a energia no pé, no corpo da gente. Eu mesmo penso bastante, se eu fosse rico eu mesmo estaria fazendo a casa pra comunidade, vem pra mim, esse pensamento e sempre eu acredito que agora que vocês tem parceiro, com certeza, vocês vão continuar conseguindo mais.

C: Estamos caminhando pra isso.

K: Com certeza a gente vai tá aqui apoiando, na hora que precisar estamos aqui, e isso falta mais é diálogo. Eu mesmo falo bastante aqui com os parentes, tem que chegar e conversar quando chegar, dar bom dia, "Oi", não é assim. Tem que chegar conversar e se alongar e soltar a voz pra pessoa entender, a gente não pode ficar fechado. Hoje a gente tem que pensar alto também, a gente não pode pensar mais baixo.

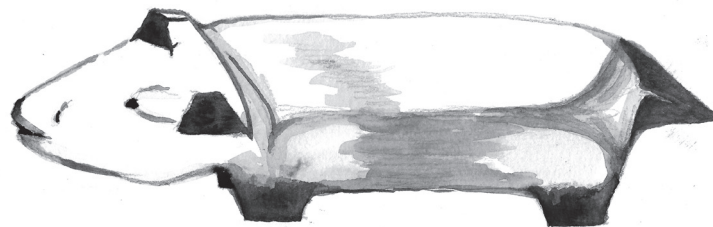
C: Sim, pensar alto e pensar junto.

K: Exatamente, isso que tem que acontecer dentro da comunidade. Por isso, quando eu não tô aqui, todo mundo fala um pouquinho e já acabou. Não é assim, tem que falar, o que você sentir tem que falar, pra vocês entenderem o que a gente precisa. Se eu disser assim: "Eu quero isso e só", não é assim que fala. Tem que pensar, tem que planejar, tem que pensar o que que vai ter, tem que chegar na pessoa e pensar o que que vai falar, tem que ouvir a pessoa falar. Por exemplo, eu falo e vocês tão ouvindo, daqui a pouco vocês falam e eu vou ter que ouvir também pra eu entender. Assim que na minha comunidade funcionava, tem que funcionar de novo, eu quero puxar um pouquinho essas coisas, né? Eu gosto de falar bastante assim porque cada vez mais eu vou aprendendo também, eu sempre

falo isso bastante mesmo e eu quero entender mais também.

Eu não tenho vergonha de dizer pra você que eu não estudei, eu nunca estudei, eu nunca estudei mesmo, porque a escola, no meu tempo não existia e, pra piorar, minha mãe e meus avós não me deixavam estudar, falavam que não adianta você estudar e lá pra frente você vai enganar sua comunidade. Então, eu fui mais neles do que no não indígena. Agora, se eu pudesse estudar mesmo, até hoje eu me candidatava pras coisas. Já tô com 55 anos e já tô indo pra 56, eu não tenho vergonha de falar minha idade, porque se você esconder sua idade, não é assim, eu gosto de falar minha idade, todo mundo acha que eu sou jovem, mas eu sinto que meu corpo já tá bem maduro. Eu vivo assim, do meu jeito, eu gosto de conversar bastante e espero que Nhandaru deus tá com vocês, tá com a gente e tá colocando o caminho certo pra vocês e vocês tá do nosso lado.

C: Karai, queria agradecer você ter compartilhado a sua sabedoria com a gente, muito importante, dizer que essa conversa das casas, ela vai continuar, e que a gente vai marcar uma reunião para ouvir e que é muito importante você estar presente também.



Construção

Karai Jekupe, educador, construtor e liderança Indígena
Tekoa Yvy Porã, 01.07.2022

KJ: Meu nome é Karai Jekupe. Sou professor do 5º ano e morador do Tekoa Yvy Porã, que é uma das 6 aldeias do Território Indígena Jaraguá.

C: Karai Jekupe, com quem e como você aprendeu a construir?

KJ: Eu aprendi a construir praticamente tarde da minha vida, mas eu já tinha acompanhado. Eu observava algumas pessoas, os meus parentes que faziam casa, principalmente o meu tio, o Ari, que ele é um senhor que tem bastante conhecimento de casas tradicionais, que nossa casa é feita com os materiais da mata. Eu perguntava pra ele que tipo de madeira, que árvore que ele usava da mata para fazer uma casa.

Mas fui aprender mesmo já na necessidade de ter uma casa para morar, para minha família e me dediquei mais a aprender a fazer essa construção.

C: O que você já construiu e que materiais você usou nas construções que você já fez?

KJ: Eu fiz uma construção só. Eu participei de outras construções. Já fiz a construção como participante da casa de reza da Ytu, já participei de uma construção do banheiro seco, que já não é tradicional guarani, porém a gente juntou duas coisas, a sabedoria dos brancos com a dos Guarani, e fez o banheiro seco.

Recentemente, eu fiz a minha casa. Eu pensei no modo, na localização, no jeito que eu queria que fosse. É uma construção minha mesmo, foi só uma e as outras só acompanhando.

C: Que materiais você utilizou na sua casa? São materiais tradicionais ou você inovou?

KJ: A minha casa eu inovei, só que eu usei mais material de



madeira, como o eucalipto, porque o objetivo é mostrar como se faz uma casa tradicional com material como árvore. Só que não dá para ficar tirando árvore, ainda mais no nosso contexto agora, que é contexto urbano, tem pouca mata, então a gente optou por substituir a madeira nativa por eucalipto. Foram eucaliptos e materiais da mata que eu usei, alguns bambus, porque a mata não oferece mais essa condição. O resto eu substituí.

C: Você guarda na memória como foram os processos de construção no passado, quando você era criança?

KJ: Sim, eu conversei com os meus parceiros que vêm nos visitar sobre a casa tradicional, e a casa tradicional que eu tenho na memória que eu acho muito interessante tem o barreamento e a outra que eu acho muito bonita que não vai barro, só são varas de árvores de espessura de mais ou menos uns 5 cm. Colocadas alinhadas baixas, não tem janela e a porta, ela é encaixada com varas também. Por exemplo, coloca duas madeiras embaixo e à noite, quando vai dormir, você vai encaixando as varas até fechar ela todinha. Quem tá dentro fala: “Onde que é a porta?”. E quem tá fora: “Por onde que entra?” De manhã, você tira elas para deixar a abertura para a saída.

C: Você saberia desenhar?

KJ: Sei, eu desenhava.

C: Então depois você desenha pra gente. Ia ser muito legal.

KJ: O telhado usa guaricanga, um tipo de palmeira que tira as folhas e usa essa guaricanga que coloca em cima do telhado com duas caídas. Todas as construções guarani são de duas caídas, porque possibilita d'água não empoçar em lugar nenhum. Ela vai bater na telha que é feita de material vegetal, de planta, de guaricanga, então ela vai escorrer.

C: As casas são voltadas para alguma direção?

KJ: Sim, essas casas são voltadas para o lado leste, lado leste, onde nasce o sol. É interessante dizer que essas casas que eu falei não têm janelas, mesmo assim elas são viradas para o lado leste. Só que quando faz uma casa que dura mais, é feita com barreamento, aí ela tem uma abertura, uma porta e uma janela, mas sempre uma porta virada para o lado leste.

C: Além dessas duas técnicas que você descreveu têm outras técnicas tradicionais guarani ou são essas?

KJ: São as duas técnicas ancestrais dos antigos, são as duas: a de barreamento com madeira por dentro que vai servir de base para colocar o barro e a de varas.

C: Você conhece outros construtores daqui de São Paulo?

KJ: Sim, conheço o próprio *Xamõ* Bastião, ele é construtor, tem o meu primo Evandro, ele é construtor também. Tanto eles podem construir com técnicas tradicionais como com técnicas contemporâneas, com técnica de permacultura. E tem mais alguns rapazes que são construtores, que, inclusive, sempre são chamados para fazer construção tradicional em outros lugares, em outros estados.

C: Existem muitas diferenças de formas construtivas e modos de construir entre as aldeias guarani?

KJ: Sim, existe um fator muito importante que é o material. Não posso falar com certeza, mas essas duas construções que eu citei eu acho que é por causa dessa condição do material no momento e no ambiente em que está. Algumas aldeias que têm materiais em abundância você pode tirar para fazer construção de vara, então se faz a construção de vara. Agora se tiver, por exemplo, lugar que tem pouco material como aqui, a gente opta por usar barro. A gente usa pouco material como árvores e mais barro.

C: Quais são as maiores dificuldades que os construtores enfrentam hoje em dia?

KJ: A maior dificuldade que um construtor tem hoje em dia é o material. Por isso a gente sempre pensa em ter parceria para fazer construção tradicional. É até incoerente dizer, mas a gente precisa dessa parceria com o branco para ter a possibilidade de construir alguma coisa tradicional.

C: Você já falou das técnicas tradicionais e da incorporação de novas técnicas, mas eu me lembro de uma histórica que você contou do açafraão, que eu gostaria que você contasse pra gente, essa pintura que você faz, como você aprendeu...

KJ: A gente gosta de pintura, a gente gosta de fazer essas

pinturas. No tradicional antigo, Guarani antigo, eles usam muito dois tipos de pintura: o urucum e o jenipapo, que são tintas naturais. E tem uma folha que eu aprendi agora, recente, eu não sabia, que é uma folha grande assim, que você pega, macera e ela faz uma tinta vermelha, e tem outras que também soltam tinta azul, é a seiva. O açafrao tem uma tinta mais ou menos alaranjada, meio bege, então você faz essas misturas de tinta para pintar, por exemplo, um tecido. Só que aí, com o tempo, a gente descobriu que misturando com terra você dá uma cor diferente do que tem no natural, você mistura uma terra com açafrao e urucum, aí já dá uma cor difícil de você encontrar na natureza, se você misturar. Aí você vai e coloca na parede para fazer essas tinturas. Não é de uso tradicional guarani, mas é o que a gente vai inovando, porque não tem essa necessidade também de pintura, você pintava mais o tecido, porque não tinha necessidade de pintar a parede, porque a própria terra já tem a sua cor: mais argilosa vai ficar clarinha, se você pegar uma terra que é vermelha, então ela vai ficar com a cor bem vermelha. A referência do tecido é de outras aldeias, sempre tem esse intercâmbio. Com outras aldeias a gente aprendeu a tingir tecido e a parede também.

C: Que outras incorporações você fez na sua casa dos *juruaá* que não tem na técnica tradicional, mas você incorporou?

KJ: Na nossa construção tradicional, a gente usa só o barro. Não tem necessidade de dar muita durabilidade para casa por dois motivos: uma é essa tradição/opção de ficar sempre andando. Você mora numa *tekoa*, depois você vai e muda para outro *tekoa* e você vai indo fazendo essa mudança. E outra coisa também é como a gente pensa em dois tempos: o *Ara Pyau* e o *Ara Ymã*, temos muitas coisas que simbolizam isso, os rituais, os batizados. Então, quando você vê que a casa que você construiu de barro soltou um bloco de barro, está na hora de renovar. Isso simboliza também a renovação. Tem essa necessidade. Só que, com o tempo, esse impacto de você ter que morar em aldeia, porque não tinha essa coisa de só aldeia, hoje tem, tanto é que a gente luta pela demarcação da terra por causa

disso. Mas não tinha isso, não tinha essa coisa dessa terra ser de fulano. Essa terra era da gente, era terra nossa. Então começou a ter um impacto muito grande com essa condição de ter construção que você não muda mais da aldeia, do *tekoa*. Você fica lá e vai ficar sempre. Você tem a necessidade de fazer uma casa tradicional que ela dure. Então a gente teve que aprender a fazer misturas, e uma das misturas, que já existe em outros povos, principalmente os povos do Nordeste, que é misturar com capim, misturar com algum tipo de vegetal que ela cria liga, que não faz com que o barro solte. O barro vai ficar fixado ali. A durabilidade é maior, ela não vai rachar. E tem as técnicas também de recobrir de novo, acabar com as fissuras. Então a gente aprendeu isso também, eu aprendi, né? E a gente acha que isso é mais perto da nossa construção do que, por exemplo, uma casa de alvenaria, que não faz parte da cultura, faz mal para o meio ambiente e todas essas coisas.

C: De que forma a Yvy Porã tem pensado nas construções, de que forma pode ser assim um exemplo para outras construções?

KJ: A gente pensou na forma dessa palavra nova, a ação e o modo de fazer é antigo, mas o tema é novo, permacultura, novo assim de uns 40 anos atrás, 50 anos atrás, a gente não ouvia falar, mas já usava. Como eu disse, essa construção mais durável, ela já é antiga de outros povos. Agora, para nós, tá como permacultura. Então a gente quis saber, quer saber e aprofundar mais nessa questão de permacultura, em fazer uma casa que seja de modo mais correto ambiental e também que esteja mais próximo da nossa realidade. O que aconteceu de negativo para o povo Guarani, para o povo indígena, de fazer construção com restos de madeira, com restos de telha pregada para fazer a parede e que descaracterizou muito a nossa forma de ter a nossa casa, que era bem bonita, casas de varas viradas para o leste. Com esse impacto de fazer casa com resto de coisa, você perde tudo, não se preocupava mais de fazer uma casa de duas caídas, uma caída só que era o que tinha, não tem esse negócio revirado mais para o leste. Impactou muito! Então na Yvy Porã a gente quer ser uma referência de construção tradicional, mas

que use também coisas contemporâneas, com telhas ecológicas, fossas ou biodigestor ou de tratamento de raiz. São todas coisas novas. Como eu disse, é tudo adaptação agora.

C: Se você puder falar um pouco também, você usou essa palavra da beleza e é uma coisa que eu fico muito curiosa de saber assim como as construções bonitas ou que tipo de beleza nas construções, aqui na Yvy Porã a gente sente quando entra na aldeia, ela tem uma atmosfera muito específica e muito agradável, assim, como é que isso influencia no Tekoa Porã dos Guarani, se você puder falar um pouquinho sobre isso, deu pra entender?

KJ: Sim, sim, o povo Guarani, não é porque eu faço parte, eu sou mestiço, minha mãe é indígena Guarani e o meu pai não, mas eu sempre fui aldeado, eu nasci na aldeia. Eu também trabalhei fora, estudei fora, é a necessidade de trabalhar fora para ter renda. E, como a gente foi de aldeias, a gente não tinha muita possibilidade de fazer plantio pelo ser território ser diminuto, muito pequeno, e a roça do meu avô que era só para família, era bem complicado. Só que, quando a gente ia para outras aldeias, eu vou confessar que, naquela época, por ser normal, então não me chamava atenção. Chamou atenção quando começaram a ter construções de qualquer jeito. Mas, na época, eu dormia nessas casas. A gente dormia numa casa que não era tradicional. Era e é ainda uma casa bem antiga de 50, 60 anos que já tinha quando os meus avós vieram para cá. Eu nasci nessa casa, uma casa antiga de construção da época dos anos 60. Quando eu ia para essas aldeias que as construções eram feitas do material do mato, criava impacto, mas não chamava tanto a atenção, porque era natural. Tinha a cama que era feita, por exemplo, igual a esse banco. Foram colocadas as madeiras no chão para servir de sustentação e colocavam as varas e em cima algum tecido e uma coberta. Pronto, ali era cama. Isso me chamava atenção: tudo era natural. Locais para colocar os utensílios que a gente comia. Às vezes, tinha prato, tinha panela, tudo, mas tinham cumbucas feitas de barro e também feita de cabaça. Eu comia naqueles negócios de cabaça. Para mim era legal! E onde guardava isso eles colocavam



cipozinhos ou algum tipo de sisal, colocavam essas madeiras amarradas e colocavam ali penduradas assim, e era organizado e era bonitinho ainda. Eu achava legal! Depois, com o tempo, eu vi que a população foi aumentando, conflitos de terra e as pessoas não podiam mais tirar material da mata, e a mata foi acabando, a Mata Atlântica tá acabando. Eu vi essas construções de qualquer jeito. Aí deu impacto! Nossa! Era bonito! Aquele sapezão assim, ó! Nossa, aquele sapé era bonitinho, mas não chamava tanta atenção, depois agora fui percebendo, nossa, isso era bonito, era não, é bonito! Por mim essa casa feita de barro, toda de barro, toda certinha, uma aberturinha pra porta, talvez uma janela e, às vezes não, uma porta do lado do leste e uma porta do lado oposto, duas portas só, e aquele vãoção onde fazia a fogueira e as camas feitas como eu falei, colocadas assim. Era simples de ver, mas agora, por exemplo, é bonito. Se você for ver uma aldeia toda feita disso, é muito bonito! Então esse é um dos impactos que a gente quer reverter. Por isso que a gente está pensando na construção mais parecida com isso.

C: Você gostaria de oferecer oficinas de construção para jovens das aldeias da Terra Indígena Jaraguá para ensinar o ofício e passar as técnicas construtivas tradicionais?

KJ: Sim, sim, ainda mais agora que eu vi essa possibilidade que eu aprendi agora, é recente, talvez uns cinco, seis anos, essa construção de permacultura. Essa possibilidade de ter uma coisa que tem mais durabilidade e é bonita, você molda do jeito que você quiser. Então eu gostaria de fazer uma oficina, uma construção pequena só para poder mostrar desde a estruturação da casa até o acabamento.

C: Na aldeia tem muitos construtores que sabem o ofício e estão aprendendo, ou você acha que é um ofício que os jovens não estão muito interessados?

KJ: Não, não tem interesse, porque não tem muita divulgação e eles não veem por que eu vou aprender isso, não tem uma coisa que caminhe, se você aprender isso vai ter a possibilidade de mostrar para outras aldeias, a gente não consegue enxergar

isso. No meu caso, eu já penso diferente. Eu penso que dá pra fazer essa oficina porque de dez pessoas, se você conseguir que três consiga botar pra frente, se tiver uma pessoa que aprendeu e que vai dar continuidade para isso, para mim já é um ganho.

C: Como os modos de construir guaranis poderiam influenciar outros modos de fazer cidade que gerem menos impacto ambiental?

KJ: Eu acho que tem uma coisa que é a conexão, porque não adianta a gente pensar numa forma que você não agrida tanto o meio ambiente onde você tá, como, por exemplo, a questão da cana-de-açúcar que faz tanto mal para o ar, porém a produção dela faz um mal terrível para o solo, faz um mal terrível socialmente. A gente tem que pensar numa forma de conexão com a natureza. Se você se conecta com a natureza, você fala, "bom eu preciso causar menos impacto", porque a gente causa impacto. Primeira coisa é isso: saber que a gente causa impacto. Não interessa se você é indígena ou não. Se você tá inserido num lugar, a sua presença já é um impacto para a área. Então, você se conectando, você vai percebendo como você causa menos impacto, tem essa consciência.

Território e impactos juruá

Thiago Henrique Karai Djekupe, liderança da TI Jaraguá
Tekoa Yvy Porã, 12.05.2022

Thiago: Eu sou Karai Djekupe, líder da Terra Indígena Jaraguá, e pertencço a Tekoa Yvy Porã.

Chão Coletivo: Thiago, se você puder falar um pouco sobre a rodovia dos Bandeirantes, se você sabe alguma história da construção da rodovia, como é essa rodovia, ela corta aqui o território guarani, falar um pouco sobre o impacto da construção da rodovia para os Guarani e também como é que foi a construção dela, como é para vocês ter ela tão perto do território.

T: Eu nasci aqui na T.I. Jaraguá, no bairro, no hospital, mas nascido e criado nesse território, e acho que principal coisa que a gente sempre ouviu foi a quantidade de Guarani que já morreu nessa via. Eu não vou saber direitinho a data agora da memória dessa obra, mas a gente sabe que, antes de ter essa rodovia, o meu avô, meus tios e meus pais sempre andaram muito livres aqui. Antes dos meus avós chegarem aqui pra ficar no Tekoa Ytu, o André Samuel morava do lado de lá da Bandeirantes, não existia a Bandeirantes, era um lado que tinha nascentes, tinha caça, tinha animais, e aí o *juruá* foi e passou a rodovia.

Quando fez essa rodovia, não havia nenhum tipo de estudo de impacto, de impacto com a comunidade, de impacto ambiental. No correr do tempo, a gente veio vendo tanto pela homenagem que é feita, Rodovia dos Bandeirantes, quanto também pela quantidade de atropelamentos que a gente teve. Com muito barulho, pessoas que invadiam a comunidade através desse lado da rodovia, então conseguia ter acesso à aldeia, também os caminhões quando passam e estouram os pneus, as casas tremem por causa disso. O barulho é contínuo, principalmente à noite, quando a gente tem que ter um pouco mais de silêncio,



o barulho da via fica muito mais alto. Isso traz, de certa forma, um certo incômodo, atrapalha na reza, no nosso culto, nas nossas cerimônias. A gente percebe que por essa questão da vida do *juruaá* estar cada vez mais invadindo o nosso território. Também a depressão vem chegando, os pensamentos de tirar a própria vida, e a gente acaba tendo isso: a rodovia sendo como homenagem a assassinos, um caminho para se deixar levar, para se entregar mesmo pra morte.

E a gente teve inúmeras mortes de indígenas Guarani em nosso território nessa via. Desde pequeninhas essas crianças sempre foram para a via para ver o *juruaá* tirando a vida dos nossos parentes nessa rodovia. Eu acho que, não sei como descrever mais, é um espaço de fuga, porque a nossa memória, ela é viva, então essas lembranças vivem na gente. Estou relatando aqui uma [inaudível] de amigos, jovens, de pessoas da comunidade que tinham uma possibilidade muito grande, tinham muita sabedoria, ensinavam a fazer armadilha, ensinavam a pescar no riozinho que a gente tem aqui. E por conta de tanta violência acaba se entregando, cometendo suicídio. E fora a questão do próprio suicídio, ali sempre foi um espaço também que a gente tinha para brincar. A aldeia é muito apertada, difícil por conta do relevo da área. A gente ficava empinando pipa na Bandeirantes, jogando bolinha de gude. E não tinha dinheiro para comprar pipa, então uma criança quando via uma pipa saía correndo atrás. E aí também ficava correndo o risco de acidente. Com criança, eu não lembro de acontecer algo tão grave. Eu e meus primos, a gente não tinha muita noção e a gente acaba atravessando essa via. Já passamos por situação de quase sermos atingido por um carro, mas não temos isso. E aí outra coisa é que, como eles fizeram a rodovia, a canalização da água que passa por baixo dela caía direto na aldeia. Na Ita Verá, que é um dos seis núcleos do território, era tipo uma bacia, e aí toda a água suja que vinha desse morro e passava por baixo da Bandeirantes era jogada lá. Então a comunidade depois ficava cheia de mosquitos, de água suja. E aí teve que fazer um aterro ali para poder a água não empoçar mais. Só que, mesmo assim, a água vai pela

rua e cai no rio de qualquer jeito, que é quando chove muito e o esgoto transborda e cai no rio. Poucos peixes que ainda sobrevivem vem do Parque, a gente vê o peixe boiando, e a gente sabe que se o peixe está morrendo ali com a água, imagina se a gente entrar na água. Então também é um dos embates que acaba acontecendo no território. Eles pensaram na vida do *juruaá*, mas eles não pensaram na nossa vida, como que a gente ia ficar aqui. E aí também depois teve duplicação dessa via, com legislação específica que garantia que houvesse esse tipo de duplicação, de manutenção da via. Nós deveríamos ter sido consultados, não só consultados, mas ser ouvidos também nessa consulta. Não é só chegar falar assim: "Olha, a gente vai fazer". Tem que perguntar o que é para nós essa rodovia. Isso nunca aconteceu. Hoje, a presença dessa rodovia, é só uma lembrança mesmo que a gente ainda vive num Estado que ele tenta nos manter invisíveis na sociedade e, de certa forma, nos matar aos poucos. E isso acontece quando eu falo que a gente já perdeu muitos parentes.

C: Eu queria te perguntar, você mencionou isso desse apagamento, dessa violência muito grande dessas infraestruturas *juruaá* em território guarani, porque tem a Bandeirantes, que foi a primeira, mas também tem a antena, tem o Rodoanel, tem o linhão que passa também aqui no território, e acho que essa coisa também da rodovia nomeada dos assassinos, dos bandeirantes, essa história é muito antiga, e vocês ocuparam a rodovia algumas vezes já em protesto, teve lá em 2013 e também teve aquele desligamento da antena. Eu queria que você falasse um pouco sobre isso, como é que foram esses dias, qual é a importância desses protestos, por que escolheram fazer justamente nesses dois lugares dessas infraestruturas que são território guarani e estão em território guarani?

T: Quando a gente fez esse protesto na Bandeirantes foi muito simbólico também, porque a gente estava sofrendo muito com a reintegração de posse. A gente é um povo que sobreviveu a tudo o que o *juruaá* trouxe: à escravização, às torturas, aos estupros, às caçadas, a toda perseguição, não só na época da colonização pelos bandeirantes, mas também pela

SPI, pelo Serviço de Proteção ao Índio, pelos militares na Ditadura Militar. E tudo isso que a gente tem dentro do nosso território, nada nós concebemos ou nós recordamos ou nós fomos citados. Nada. A gente é um povo livre, que se entende como um povo livre, nós lutamos pela nossa liberdade, a gente entende uma terra que ela não tem dono. Nós somos guardiões da terra, não donos dela. Estamos para proteger, porque nós fazemos parte da terra. E quando a gente ocupou a Bandeirantes foi nesse sentido de dizer que nós estávamos, de certa forma, um dia atrapalhando a vida do *juruaá* ali naquela passagem, mas quantos foram os dias que eles atrapalharam a nossa vida também e atrapalham até hoje com as suas ameaças? A gente sabe que não é uma pessoa que tá ali transportando algo no caminhão ou indo para um trabalho que tá nos atacando diretamente, mas indiretamente também tá, porque usufrui daquilo que foi usado para nos tirar a liberdade de poder caminhar onde meu avô caminhava, onde André Simão caminhava, onde outros Guarani caminhavam. A gente não pode mais atravessar a via, porque, se a gente atravessar, vai correr risco de ser atropelado, como outros já foram. E foi para trazer uma reflexão, para trazer um incômodo, mas o que aconteceu foi que grande parte da mídia que estava discriminando, marginalizar ainda mais, que não tínhamos o direito de atrapalhar o ir e vir das pessoas, mas o nosso ir e vir não é garantido nessa estrutura de Estado, não é garantido. Então todos, tanto a Anhanguera, que passa ali, o Rodoanel que passa aqui e a Bandeirantes que passa aqui, elas cercam o nosso território, nos mantêm presos numa situação que a gente tem que encontrar outras soluções, nós como um todo: a nossa vida de Guarani, a nossa vida dos pássaros, a nossa vida dos animais e todos que vivem aqui. As próprias árvores quando precisam que suas sementes sejam semeadas, espalhadas, tem um limite também porque a via impede isso. E aí a gente tem esse impedimento. Ocupar essa via foi para tentar trazer uma reflexão que talvez seja muito lenta ainda para o *juruaá* conseguir abraçar essa discussão. Mas foi um ato de resistência do nosso

povo. E quando a gente ocupou o Pico do Jaraguá também foi. Aquela torre não estava ali antes de nós, o Afonso Sardinha não chegou aqui antes de nós, a ideia de um Parque Estadual não chegou antes de nós. Já estávamos aqui. Mas o Estado foi fundado sobre uma estratégia muito doida de ser pensada: vieram os colonizadores portugueses, dominaram o território e depois eles falaram de dar liberdade a esse território, a dar uma Independência. Então, expulsaram Portugal, mas não expulsaram os portugueses, deram o Brasil para os portugueses. Então o Brasil nunca teve uma independência, porque o povo que seria originário dessa terra continuou sendo exterminado, continuou sendo até hoje exterminado por esse Estado. Essas rodovias trazem para dentro do nosso território uma ganância muito grande de políticos e da especulação imobiliária. Um exemplo daqui da Tekoa Pyau. A família Pereira Leite, do atual ministro do Meio Ambiente, Pereira Leite, a família dele veio aqui e tentou uma reintegração de posse, porque eles queriam abrir aqui nesse espaço que nós estamos agora um acesso para a Bandeirantes. Eles tinham vários tipos de projetos. Queriam fazer parada pra caminhão, posto de gasolina, queriam fazer aquela espécie de Graal, parada de rodovia, e aí o que vale a nossa vida para o entendimento capitalista? De que vale o nosso trabalho de preservação da natureza para um ministro do Meio Ambiente que quer roubar a nossa terra? É muito contraditório mesmo, mas, como eu falei, até hoje a gente ter um ministro do Meio Ambiente, um membro de uma família que nos tentou tirar à força, é uma lembrança que eu tenho desde pequenininho, porque, quando a polícia cercou o Tekoa Pyau com um monte de metralhadora, ali embaixo na rua Comendador Euzebio de Matos, eu era só uma criança com um arco e flecha desse tamanho que era um brinquedinho só. E aí a gente ficou em cima do muro, um monte de criança, porque não tinha muito adulto aqui na época com um arco na mão, achando que a gente ia conseguir se defender de arma de fogo, mas não tínhamos entendimento político de como se defender daquela situação, de uma reintegração de posse que não tava sendo

dada por nenhum tipo de juiz, tava se dando só por uma mala de dinheiro, que foi o que o Pereira Leite trouxe aqui para o nosso *Xeramõi* dentro nessa *opy*, trouxe uma mala cheia de dinheiro e tentou negociar com o nosso *Xeramõi* a saída da nossa comunidade. E quando o *Xeramõi* falou que não ia sair daqui até que fosse esclarecido o que ele estava fazendo, eles cercaram a comunidade com a polícia. E aí usaram, não entraram dentro da comunidade, mas estavam dentro da comunidade... Se for necessário a gente ocupar o nosso território para dizer que nós estamos vivos, estamos presentes, que nossa memória continua aqui, que nós nunca deixamos o território mesmo depois de tantos massacres, a gente vai continuar fazendo.

C: Vou fazer uma última pergunta. Essa palavra infraestrutura, que é uma palavra muito usada por *juruaá*, pelo Estado para falar desse serviços para a cidade, a sociedade e tal, que são rodovias, pontes, coisas que também trazem, como você disse em seu depoimento, muita violência, muito apagamento para outras formas de vida, que não só os Guarani, mas também para as plantas, os animais, as abelhas. Vocês aqui no Jaraguá, com o fortalecimento do território, vem trazendo também outras infraestruturas, se é que a gente pode falar com essa palavra, por exemplo, reformar o meliponário, as abelhas, isso também é uma infraestrutura para cidade juruaá, se você for pensar, não tem vida sem árvore. Se você puder falar também sobre essa ideia de outras infraestruturas, assim, como os Guarani pensam o território e pensam essas relações.

T: Quando a gente pensa nas rodovias, por exemplo, e a gente fala dos nossos parentes que se foram já de modo violento, lembrar de uma pessoa atropelada numa avenida que os carros passam em tão alta velocidade são lembranças horríveis de se pensar. Quantas vezes a gente foi, né? Porque é uma coisa assim, imagina você está na comunidade aqui, uma pessoa sofre um acidente e alguém vem correndo e chama, todo mundo vai, porque aconteceu algo. Lá fora também, se acontece alguma coisa todo mundo vai sair para ver o que está acontecendo, pela curiosidade, por preocupação ou por uma série



de situações. E não é só a vida do Guarani que foi perdida ali. Aqui a gente tem uma ponte nessa rodovia, chega até ali na Chica Luísa, tem uma ponte que tem inúmeros relatos de pessoas que se jogaram da ponte. Muitas vezes, alguém se jogava e o pessoal já avisava: "Alguém aí da aldeia se jogou da ponte". Sempre foi assim. Nós iam todos lá para ver se realmente era alguém da aldeia. Até o bairro sempre viu a gente nessa tendência. Só que o suicídio não é algo normal para os Guarani. A gente valoriza muito a vida. A vida é sagrada. Toda a vida. E aí muitas das vezes a gente já foi pra lá para ver o pessoal do bairro identificar se era da aldeia ou não. E também os próprios animais, cachorro do mato, quati, jacu já vi morto nessa pista, racum, a raposinha e muitos animais também acabam, porque não tem passagem pra eles, assim como não tem passagem para nós. Não só aqui na Bandeirantes, mas no Rodoanel e na Anhanguera também, e até mesmo aqui na Turística. A gente fala dessas rodovias maiores, mas a gente já teve criança atropelada aqui na Comendador, o meu irmão já foi atropelado na Turística, porque os carros passam em alta velocidade. O assédio também. Em 2015 a gente sofreu um processo de criminalização por parte do Ministério Público Federal, onde fizeram uma nota e jogaram na Rede Globo falando que aqui na comunidade as crianças se prostituíam, que os homens eram pedófilos e que a gente trocava criança por droga na favela. E essas coisas foram na Rede Globo em horário de almoço, horário em que as pessoas assistem o jornal. E durante muito tempo os ônibus não paravam quando tinham pessoas da aldeia no ponto de ônibus e quando as mulheres ficavam ali para ir para algum lugar, até para ir para outra aldeia, tinham que pegar o ônibus, os ônibus não paravam e os carros paravam e perguntavam quanto é o programa, ou se a pessoa podia entrar no carro com eles, mostrando parte íntima para nossas crianças. Isso a gente sofreu e ainda sofre para cuidar da nossa comunidade. Como eu falei, até o próprio bairro enxerga a nossa comunidade, mas eles não sabem da nossa força espiritual. Por isso que a gente existe, porque o povo traz essa força.

Então, a gente precisa pensar em solução. Quando eu, por exemplo, entro na faculdade para fazer arquitetura, sento com a minha comunidade para falar assim: "Olha, existe essa possibilidade. Estão oferecendo as vagas". O que a comunidade pensa sobre isso, já vem vários sonhos. Poxa, será que a gente pode pensar em outro modelo de cidade, em outro modelo de bairro, que respeita a vida desse território, a vida que nós protegemos aqui? Será que a gente consegue fazer outra forma de se pensar o mundo? Você precisa ter moradia, você precisa ter estrada, você precisa ter água encanada, você precisa ter... A gente não é contra nada disso. O problema é que para você ter tudo isso, você não precisa criar o apocalipse, criar a destruição, você não precisa pensar tão curto. Nós temos a capacidade de pensar grande, de pensar longe. Vários arquitetos, vários engenheiros já conseguiram, pensaram muito grande em todo mundo. Porque as pessoas que discutem essa cidade não conseguem pensar grande, não conseguem pensar em como solucionar os problemas? Ano após ano, a cidade discute o Plano de Zoneamento, o Plano Diretor, só que quando a gente vai tentar falar, a gente não tem voz, porque nós não somos diplomados. E a estrutura do Estado também trouxe isso. Quando falo que é um Estado difícil de entender, porque fala de uma liberdade que não foi nada, porque os próprios que tomaram a terra, que roubaram a terra, eles deram assim, agora não é mais Portugal o reinado aqui, mas são, nós, portugueses que vamos reinar, eles criaram diversos tipos de estratégias de nos manter invisibilizados. Então, para você poder discutir com *jurua* na política, para você poder ir lá na discussão do Plano Diretor e você falar de igual para igual, o nosso notório saber que é chamado, o nosso saber tradicional, a nossa visão de mundo, ela não é valorizada, você precisa ter o conhecimento também do *jurua*. E a gente vai fortalecendo isso dentro do território. Os jovens que estavam desistindo de estudar, que tavam perdendo esse interesse, começam a se interessar mais, quando vê esse movimento acontecendo, quando vê a gente levantando drone na

comunidade para pensar em repensar a aldeia e planejar estruturas sustentáveis e ecológicas que respeitem a terra, quando a gente começa a falar em fazer agroflorestal para recuperar esse solo que está maltratado, que está cheio dessas frestas aqui que a prefeitura joga. E, quando a gente fala que dá para pensar de outra forma, então a comunidade começa a criar também uma estratégia de resistência, renovar as estratégias de resistência.

Porque a gente tem dois caminhos. Todo o Guarani enxergou dois caminhos para conviver com o modo de vida ocidental. Um é dialogar. Essa é o nosso principal caminho. É dialogar e, mesmo quando se machucar, quando perder alguém, é saber que o diálogo ainda é o principal caminho para a gente buscar soluções. E o outro caminho é a resistência, é saber: se quiserem nos tirar do nosso território e a gente não tem mais pra onde se esconder, pra onde correr, é resistir. É entregar a nossa vida mesmo para que as nossas crianças depois possam retomar os diálogos.

Hoje, ainda estamos nesse caminho só de dialogar e as universidades dão essa oportunidade agora. Elas estão dando essa oportunidade com nosso conhecimento tradicional, com nosso entendimento de mundo levar para dentro da escola universidade e juntos trazer soluções: formar indígenas, como gestores ambientais, como arquitetos, como engenheiros, como advogados, como geólogos, como antropólogos, em diversas áreas, para que algum dia a gente possa chegar num governo que realmente tenha propostas boas e dizer: “A gente quer colaborar com a sua proposta! A gente quer se dispor a ajudar! Nós também temos o crescimento que vocês exigem! Nós também temos o documento que vocês querem que a gente tenha!”

Porque tudo isso para nós é uma, como eu posso dizer, hoje eu tenho um nome em português, eu tenho um RG, isso é uma troca, isso foi uma troca. O nosso povo aceitou ter um batismo antes da nossa data, antes do nosso tempo legítimo, espiritual, porque um Guarani só vai receber seu nome depois de um ano de idade. Mas a criança, quando ela nasce, já tem que



ser fichada, ela tem que ser documentada, ter o seu nome ali, senão os pais vão perder a criança, ela vai para o Conselho Tutelar. Você não pode pegar uma criança de um hospital e você não ter o registro dela, você não ter o nome dela, você não ter nada disso. Mas, para nós, não é assim, quando a criança nasce, você tem que esperar um tempo ainda para que aquele corpo se adapte à terra, para que o espírito que tá em trânsito decida que vai ficar e, só depois, receber o nome guarani, só para ter um cerimônia sagrada para poder receber esse nome. A gente faz dessa forma. A gente já nasce recebendo nosso nome em português, já tendo o nosso registro, nosso RG, nosso CPF, nosso documento, e agora estamos fazendo além: estamos buscando o registro de arquitetos que já somos, mas que não temos o reconhecimento. Então nós vamos, em vez de receber o nosso diploma de arquiteto quando a gente nasce também, nós vamos crescendo, estudando e tendo que fazer essa caminhada longa para um dia chegar até ter um documento igual a esse para falar assim: “Agora está aqui o documento que faltava para vocês nos ouvirem com respeito”!

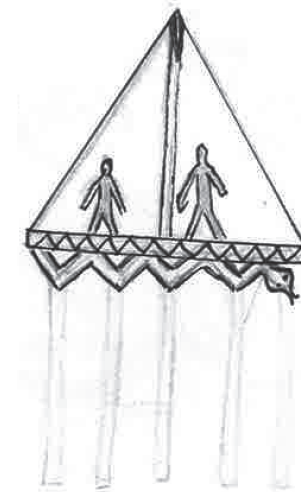


Fig. 77. Desenho de Thiago Henrique Karai Djekupe

Considerações finais

Ao mesmo tempo que o caos é criado pelo mundo dos brancos, dentro da *opy*, os Guarani Mbya rezam, tocam, cantam, dançam, fumam *petyngua* e recebem na língua Guarani os ensinamentos de Nhanderu para manter a terra e o céu. Suas expressões, rituais e práticas cotidianas nos inspiram a seguir os caminhos para o cuidado e proteção das florestas, para as relações comunitárias e construções de um futuro compartilhado. Ao fim, este livro é uma mirada ao compartilhamento de saberes na arquitetura e no urbanismo, com o aprendizado dos mais velhos, dos sábios, da observação e registro de práticas contemporâneas em um território invadido pela metrópole. Território que mantém e reinventa a todo momento suas tradições e cultura, de maneira a resistir ao que não serve do mundo *juruaá*. A memória, como colocam os historiadores Agmad Sa'di e Lila Abu-Lughod, “é uma das poucas armas acessíveis a quem viu a maré da história se voltar contra si. Ela é capaz de se infiltrar furtivamente para chacoalhar o muro”.⁸⁰ Assim, chacoalhamos em conjunto os inúmeros muros, rodovias, estradas e construções em torno do território guarani do Jaraguá, de maneira a fazer a memória da Mata Atlântica, da montanha, dos rios e dos seus habitantes prevalecer na criação de um presente e um futuro possíveis em um planeta em ruínas. E que a maré da história se volte novamente para reparar os danos feitos a todas as comunidades e culturas por ela destruídas. Que transformemos coletivamente e verdadeiramente este mundo. *Aguyjevete* pra quem luta!

80. Agmad Sa'di e Lila Abu-Lughod. *Nakba, 1948, and the claims of memory*. New York: Columbia University Press, 2007.

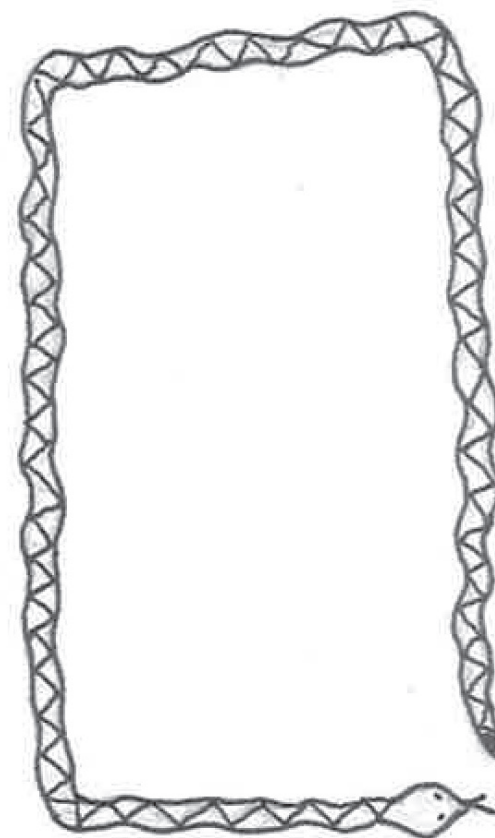


Fig. 78. Desenho de Thiago Henrique Karai Djekupe

SÃO PAULO É TERRA INDÍGENA

JARAGUÁ É GUARANI

JARAGUÁ É GUARANI

GUARANI

**GUARANI RESISTE
DEMARCAÇÃO JÁ! JARAGUÁ É GUARANI**

ieic

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Promulgada em 5 de outubro de 1988, 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

Carta dos Guarani. Publicada após portaria do Ministro da Justiça revogar a Portaria nº 581 que declarava a ampliação da Terra Indígena Jaraguá.

Carta Tenonderã foi elaborada durante encontro com cerca de 200 jovens Guarani, de 14 diferentes localidades, na aldeia Tenondé Porã, que fica no bairro de Parelheiros, em maio de 2009.

CASTRO DE OLIVEIRA, Bernadete. Nhandekuery' – nossa gente: o tempo da aldeia no espaço da metrópole. In: CARLOS, Ana Fant Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (org.). *Geografias das Metrôpoles*. São Paulo: Contexto, 2006, p.91-132.

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA. *Guata Porã/Belo Caminhar*, São Paulo, CTI, 2015.

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA. *Nhannhangareko Nhanderekoa'Re, Ka'Aguy Rupa'Re, Yakã're. Nós cuidamos dos lugares onde vivemos, das matas e dos rios. Mapeamento participativo Tekoa Ko'eju: São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul*, CTI, s.d.

COELHO, Antonio Salvador e Comunidade Guarani Mbya. *Sementes, plantas e florestas. Mbya Guarani compartilhando saberes*. CIMI/SP, s.d.

COMISSÃO GUARANI YVYRUPA. *Guaíra e Terra Roxa*, 2017

COSTA, Carlos Zibel. O desenho cultural da Arquitetura Guarani. *Pós – Revista do Programa de Pós-Graduação Arquitetura e Urbanismo*. FAU/USP. São Paulo, n.4, p.113-130, dezembro de 1993.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Assim na terra como no céu

guarani (em espanhol). *Taquiprati*, 08 de fevereiro de 2015.

GALLOIS, Dominique e MACEDO, Valéria (orgs.). *Nas redes Guarani. Saberes, tradições e transformações*. São Paulo: Hedra, 2018.

GUARANI, Jerá. Tornar-se selvagem. *Piseagrama*. Belo Horizonte, n.14, p, 12-19, 2020.

KOK, Glória. *As coleções etnográficas Guarani do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, 2018.

KOK, Glória. *Os vivos e os mortos na América portuguesa: da antropofagia à água de batismo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/FAPESP, 2001.

Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LADEIRA, Maria Inês. *O caminhar sob a luz. Território mbya à beira do oceano*. São Paulo: Editora da Unesp, 2007.

LADEIRA, Maria Inês. *Espaço Geográfico Guarani-Mbya. Significado, constituição e uso*. São Paulo: Edusp, 2008.

MENDOZA, Jorge. Guarani no Parque Jaraguá: “São 517 anos de resistência”. *PSTU*, 16.9.2017.

MÉTRAUX, Alfred. *A civilização material das tribos Tupi-Guarani*. Tradução Simone Pereira Gonçalves. Campo Grande: Gráfica Alvorada, 2012.

MICHELINO, Giulio. *Tekoa, cidade e nhanderekó: Cultura Guarani nas aldeias do Jaraguá, São Paulo*. TCC da Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2019.

MORAES, Alana. SCHAVELZON, Salvador; GUARANI, Jera; KEESE, Lucas; HOTIMSKY, Marcela. Um levante da terra na metrópole da asfixia. *Piseagrama*, Belo Horizonte, seção Extra!, 4 de fev. 2021.

NATALINI, Gilberto. *A devastação da Mata Atlântica no Município de São Paulo*. Dossiê, agosto de 2019.

NIMUENDAJU, Curt. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocuva-Guarani*. São Paulo: Editora da USP, Hucitec, 1987.

NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). *Habitações indígenas*. São Paulo: Nobel: Edusp, 1983.

OLIVEIRA, Robson de; PAPALI, Maria Aparecida e GOMES, Cilene. Cotidiano, cultura e resistência: Terra Indígena Guarani do Pico do Jaraguá – SP. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, SC, v.34, n.54, p.243-257, Jun/2021.

PAPPALARDO, Laura. *Mapeando a Terra para Reparações no Pico do Jaraguá*. Dissertação de Mestrado. Yale School of Architecture. Orientadora: Keller Easterling. Maio 2021.

PAPPIANI, Angela. *Povo verdadeiro: os povos indígenas do Brasil*. São Paulo: Ikoré, 2009.

PERRACINI, Beatrice. *Práticas espaciais de resistência Guarani Mbya em São Paulo*, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Escola da Cidade, 2020.

PIMENTEL, Spency et al. *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação*, Brasília: CGID/DPT/FUNAI, 2013, s.n.

SA'DI, Agmad e ABU-LUGHOD, Lila. *Nakba, 1948, and the claims of memory*. New York: Columbia University Press, 2007.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*, 3ª edição. São Paulo: EPU, EDUSP, 1974.

SILVA, Fábio Nogueira da. *Elementos da etnografia Mbyá: lideranças e grupos familiares na aldeia Tekoa Pyau (Jaraguá, São Paulo, SP)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da FFLCH da USP, 2006.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. Prefácio “O território da não-modernidade”. In: LADEIRA, Maria Inês. *Espaço geográfico Guarani-Mbya. Significado, Constituição e Uso*. Maringá/PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008.

THOMAZ, Omar. A antropologia e o mundo. In: SILVA, Aracy Lopes da e GRUPIONI, Luís Doniseti (org.) *A Temática Indígena na Escola*, 4ª ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC: MARI: UNESCO, 2004.

THURMAN, Leticia Prudente. *Arquitetura Mbyá Guarani na Mata Atlântica do Rio Grande do Sul: estudo de caso do Tekoa Nhüu Porã*. Dissertação (mestrado) Faculdade de Arquitetura

e Urbanismo UFRGS. Porto Alegre, 2007.

VEIGA, Juracilda, AZEVEDO, Marta M.A.; COLMAN, Rosa S. Recuperando territórios, a expansão dos Guarani do Estado de São Paulo. In: AZEVEDO, Marta Maria A.; BAENINGER, Rosana. *Povos Indígenas: Mobilidade Espacial*. Campinas, Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2013.

ZANFER, Gustavo. Guarani em São Paulo: A comunidade indígena do Jaraguá. A luta pela preservação e identidade indígena na zona noroeste paulistana, 4 de setembro de 2020, *J. Press*, s.n.

Sites

Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP). <<https://cpisp.org.br>>. Acesso em: 30 out. 2022.

Mapa Guarani Digital. <<http://guarani.map.as/#!/>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

Mapa da Terra Indígena Jaraguá. <<http://www.mst.org.br/2016/08/30/indigenas-de-sao-paulo-acossados-por-todos-os-lados.html>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

OLIVEIRA, Caroline. Brasil de Fato, 6 de fevereiro de 2020. <<https://www.brasildefato.com.br/2020/02/06/guarani-impedem-acao-de-construtora-que-quer-fazer-5-predios-no-pico-do-jaragua-em-sp>>. Acesso em 2 de setembro de 2022

Entrevistas

Entrevista com Karai Jekupe, para Chão Coletivo, no Tekoa Yvy Porã, em 1 de julho de 2022.

Entrevista com Karai para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em 3 de setembro de 2022.

Entrevista com Xeramõi Nelson para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em 13 de agosto de 2022.

Entrevista com Sônia Ara Mirim para Giulio Michelino, no Tekoa Ytu, em 2019.

Entrevista com Thiago Henrique Karai Djekupe para Chão Coletivo, no Tekoa Pyau, em maio de 2022.

CRÉDITO DAS IMAGENS

Ilustração capa © Gabriela Toral

Página 6 © Beatrice Perracini Padovan

Páginas 5, 13, 14, 20, 34, 37, 38, 40, 47, 48, 49, 52, 53, 55, 56, 61, 71, 99 © Gabriela Toral

Páginas 18, 32 © Giulio Michelino

Páginas 10, 27, 28 © Glória Kok

Páginas 22, 24, 26, 30, 31, 42, 59, 65, 69, 75, 77, 126

© Laura Pappalardo

Páginas 50, 63, 65, 67, 73, 78, 123, 125

© Thiago Henrique Karai Djekupe



Todos os esforços foram feitos para localizar os detentores dos direitos das imagens. Caso você tenha alguma informação, por favor entre em contato com a editora (editoradacidade@escoladacidade.edu.br). Em caso de omissão, faremos todos os ajustes possíveis na primeira oportunidade.

Editora Escola da Cidade

1ª EDIÇÃO

São Paulo, 2022

AUTORIA

Chão Coletivo (Beatrice Perracini Padovan, Giulio Michelino, Glória Kok, Isabela Moraes, Laura Pappalardo)

Plataforma: “Nas Ruas: territorialidades, memórias e experiências”, coordenação Glória Kok

CAU/SP: Catherine Otondo (Presidente)

ILUSTRAÇÕES E MAPAS

Beatrice Perracini Padovan, Gabriela Toral, Giulio Michelino, Laura Pappalardo, Thiago Henrique Karai Djekupe

DESIGN

Laura Pappalardo

REVISÃO

Otacílio Nunes

Glória Kok

ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE 2022

Alvaro Puntoni (Presidente), Fernando Viégas (Presidente), Marta Moreira (Presidente), Cristiane Muniz (Diretora Conselho Escola), Maira Rios (Diretora Conselho Escola), Anália Amorim (Diretora Conselho Científico), Marianna Boghosian Al Assal (Diretora Conselho Científico), Guilherme Paoliello (Diretor Conselho Técnico), Anderson Freitas (Diretor Conselho Social), Ciro Pirondi (Diretor Conselho Escola de Humanidades)

EDITORIA ESCOLA DA CIDADE

Fabio Valentim, Julia Pinto, Laura Pappalardo, Thais Albuquerque, Guilherme Pace

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá/ Organização de Glória Kok— São Paulo: Editora Escola da Cidade, 2022.

136 p., il.

ISBN: 978-65-86368-28-4

1. Arquitetura e Território. 2. Guarani Mbya. 3. Técnicas construtivas. I. Título.

CDD 607.81

Catalogação elaborada por Denise Souza
CRB 8/ 9742



A publicação deste livro foi possível graças ao generoso apoio do CAU/SP. O presente livro não pode ser comercializado.

IMPRESSÃO
Alphagraphics
composto em FS Brabo
impresso em papel pólen natural 80g/m²

